



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DE GOIÁS CAMPUS APARECIDA DE GOIÂNIA
LICENCIATURA EM
DANÇA**

HAUANY SOUSA AQUINO

**O MUNDO DESENCANTADO E A DANÇA: UMA VIVÊNCIA
DANÇANTE COM AS TRABALHADORAS TERCEIRIZADAS
DO INSTITUTO FEDERAL DE GOIÁS - CAMPUS APARECIDA
DE GOIÂNIA.**

**APARECIDA DE
GOIÂNIA 2024**

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO
NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG**

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| ☐ Tese | ☐ Artigo Científico |
| ☐ Dissertação | ☐ Capítulo de Livro |
| ☐ Monografia – Especialização | ☐ Livro |
| ☒ TCC - Graduação | ☐ Trabalho Apresentado em Evento |
| ☐ Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ | |

Nome Completo do Autor: Hauany Sousa Aquino

Matrícula: 20201090050150

Título do Trabalho: O mundo Desencantado e a Dança: Uma vivência dançante com as trabalhadoras terceirizadas do instituto federal de goiás – campus Aparecida de Goiânia.

Autorização - Marque uma das opções

1. (x) Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso aberto);
2. () Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data ____/____/____ (Embargo);
3. () Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).

Ao indicar a opção **2 ou 3**, marque a justificativa:

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS

- () O documento está sujeito a registro de patente.
- () O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.
- () Outra justificativa: _____

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- i. o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- ii. obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- iii. cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Aparecida de Goiânia, 04 de Novembro de 2024.

 Documento assinado digitalmente
HAUANY SOUSA AQUINO
Data: 04/11/2024 21:13:09-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

HAUANY SOUSA AQUINO

**O MUNDO DESENCANTADO E A DANÇA: UMA VIVÊNCIA DANÇANTE
COM AS TRABALHADORAS TERCEIRIZADAS DO INSTITUTO FEDERAL
DE GOIÁS - CAMPUS APARECIDA DE GOIÂNIA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Dança, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - Campus Aparecida de Goiânia/IFG, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Dança.

Orientador: Prof. Dr. Lucas Maia

Coorientadora: Profª. Me. Giovana Consorte

APARECIDA DE GOIÂNIA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A657 Aquino, Hauany Sousa

O mundo desencantado e a dança: uma vivência dançante com as trabalhadoras terceirizadas do Instituto Federal de Goiás Campus Aparecida de Goiânia / Hauany Sousa Aquino. - Aparecida de Goiânia, 2024.
62 f. il.

Orientador: Dr. Lucas Maia dos Santos

Coorientadora: Ma. Giovana Consorte de Souza

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Goiás: Campus Aparecida de Goiânia, Licenciatura em Dança, 2024.

1. Dança. 2. Ecologia Onírica. 3. Mulheres. 4. Corporeidade. I. Título.

CDD 792.8

Catalogação na publicação:

Suzane Goncalves Duarte Peixoto CRB 1/2746

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Na presente data realizou-se a sessão pública de defesa da Monografia intitulada **O MUNDO DESENCANTADO E A DANÇA: UMA VIVÊNCIA DANÇANTE COM AS TRABALHADORAS TERCEIRIZADAS DO INSTITUTO FEDERAL DE GOIÁS - CAMPUS APARECIDA DE GOIÂNIA**, sob orientação de Lucas Maia dos Santos e coorientação de Giovana Consorte de Souza, apresentada pela aluna **Hauany Sousa Aquino (20201090050150)** do Curso **Licenciatura em Dança (Câmpus Aparecida de Goiânia)**. Os trabalhos foram iniciados às **19:00** do dia **04/10/2024** pelo Professor presidente da banca examinadora, constituída pelos seguintes membros:

- **Lucas Maia dos Santos** (Presidente)
- **Luciana Gomes Ribeiro** (Examinadora Interna)
- **Davidson José Martins Xavier** (Examinador Externo)
- **Germano Henrique Pereira Lopes** (Examinador Suplente Interno)

A banca examinadora, tendo terminado a apresentação do conteúdo da Monografia, passou à arguição da candidata. Em seguida, os examinadores reuniram-se para avaliação e deram o parecer final sobre o trabalho apresentado pelo aluno, tendo sido atribuído o seguinte resultado:

☒ Aprovado

☐ Reprovado

Nota : 10,0

Observação / Apreciações:

Aprovado com louvor e indicação de publicação.

Proclamados os resultados pelo presidente da banca examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, eu **Lucas Maia dos Santos** lavrei a presente ata que assino juntamente com os demais membros da banca examinadora.

Documento assinado eletronicamente por:

- **Germano Henrique Pereira Lopes** (991.680.813-91), em **07/11/2024 15:56:38** com chave **049faad49d3a11ef9d05005056a537a4**.
- **Lucas Maia dos Santos** (729.707.821-20), em **07/11/2024 15:30:51** com chave **6a95cdf9d3611ef9d84005056a537a4**.
- **Davidson José Martins Xavier** (058.485.016-61), em **07/11/2024 17:36:56** com chave **07e131f09d4811efb940005056a537a4**.
- **Luciana Gomes Ribeiro** (783.675.731-53), em **07/11/2024 15:35:50** com chave **1c9f24fa9d3711ef8ca2005056a537a4**.

Este documento foi emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse https://suap.ifg.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.

Tipo de Documento: Ata de Projeto Final

Data da Emissão: 07/11/2024

Código de Autenticação: 0dea07



Por ser daqui, conheço as ruas e calçadas
Conheço o interior das casas
E o interior de quem vive dentro das casas
E o interior do interior
Conheço histórias que há milênios são contadas
Outras que foram apagadas
Conheço histórias que ainda estão encasuladas
Só esperando acontecer
Por ser daqui, conheço as frases e as pausas
Entendo todas as piadas
Sei distinguir um pôr do Sol de uma alvorada
Dia de chuva sei prever
Posso dizer com precisão se o trem se atrasa
Eu posso entrar, que eu sou de casa
E quando me entristeço porque a vida passa
Eu lembro do que vai nascer
Recolho as impressões
Curo decepções
E faço algum refrão das coisas que vivi
Concentro as emoções
Miro nos corações
E canto aquilo que eu vou ser por ser daqui

Interior, 5 a seco.¹

¹ Composição de: Tó Brandileone e Vinicius Calderoni, lançada em 2019.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço aos meus pais, Cristiana e Belchior, pelo amor incondicional e por, entre o não entenderem nada e entenderem tudo, estarem perto. Agradeço também ao meu maninho, Gael, por ter dançado para mim. Aos amores da minha vida, Maycon, Clara e Duda, sou grata por despertarem minha melhor versão, tudo é mais bonito, divertido e tranquilo com a companhia de vocês.

Agradeço ao Instituto Federal de Goiás - Campus Aparecida de Goiânia, por proporcionar uma formação de excelência e por me acolher durante nove anos. Agradeço ao meu orientador, Lucas Maia, por aceitar meu convite inesperado e confiar no meu trabalho. Sou grata a todos os professores e professoras, em particular as minhas mestres Giovana Consorte, a professora que quero ser quando crescer, e Rousejanny Ferreira que em uma carona me fez ter certeza do que eu queria pra vida, obrigada a vocês pelo Corpo Composto. Agradeço a Ieda, minha terapeuta, por me ajudar a desenrolar as tramas que me impediam esse encerramento. Agradeço também as amigadas que compartilharam o IF comigo: Eduardo, Sara Linhares, Guilherme, Icaro, Ysa, Rita, Rafa, Cinara, Maria Fernanda, Ester (e todos aqueles que a folha não cabe citar) obrigada por todo o apoio e companheirismo, cada um em seu momento de proximidade.

Agradeço às flores participantes dessa pesquisa, as trabalhadoras terceirizadas do Instituto Federal de Goiás, em 2024, jamais esquecerei a generosidade de vocês comigo, muito obrigada por todas as trocas meninas.

Agradeço à Larissa Pascoal e à Associação Casa Verde por acreditarem no meu trabalho, e acima de tudo dignificá-lo, vocês me devolverem o sonho da sala de aula e de uma arte-educação acessível.

A todos e todas vocês, meu mais sincero agradecimento. Essa conquista é fruto do apoio e incentivo de cada um de vocês.

Por fim, agradeço a mim, pela coragem de viver, sonhar e esperar. Obrigada criança Hauhau pela mulher que você ajudou a formar, seguimos juntas, crescendo sem medo.

RESUMO

Este estudo, embasado na Ecologia Onírica (Rodrigues, 2008), mergulhou em uma experiência dançada partilhada com as mulheres trabalhadoras terceirizadas do Instituto Federal de Goiás - Campus Aparecida de Goiânia, investigando os impactos de uma proposta de Dança em suas vidas. A metodologia escolhida aprofundou-se nas experiências corporais e subjetivas dessas mulheres, revelando como a dança pode vir a ser uma possibilidade de ressignificação e conexão com o corpo. Os resultados evidenciam que a prática da dança promove não apenas o bem-estar físico e emocional, mas também a autonomia corporal, e o fortalecimento de vínculos afetivos dentro do trabalho. A dança emerge como uma ferramenta de resistência, desafiando as condições de trabalho alienantes e contribuindo para a construção de novas narrativas sobre o corpo e a trajetória dessas mulheres. Por fim, esse trabalho sugere uma perspectiva de olhar para esse Grupo amostral e de possibilidades para democratização da dança e de seus saberes.

Palavras-chave: Dança, Ecologia Onírica, mulheres, corporeidade.

ABSTRACT

This study, based on Oneiric Ecology (RODRIGUES, 2008), delved into the experience of women outsourced workers at the Federal Institute of Goiás - Aparecida de Goiânia Campus, investigating the impact of a dance program on their lives. The methodology chosen allowed for an in-depth look at the nuances of these women's bodily and subjective experience, revealing how dance can become a possibility for reframing and connecting with the body. The results show that the practice of dance promoted not only physical and emotional well-being, but also bodily autonomy and the strengthening of emotional bonds within the workplace. Dance emerges as a tool of resistance, challenging alienating working conditions and contributing to the construction of new narratives about the body and the trajectory of these women. Finally, this work suggests a perspective for looking at this group and possibilities for democratizing dance and its knowledge.

Keywords: Dance, Corporeality, women, Oneiric Ecology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01. Ilustração 1 - Edwiges Silva - Sem título, 2024	Página: 12
Figura 02. Ilustração 2 - Edwiges Silva - Sem título, 2024	Página: 28
Figura 03. Colagem – Hauany Aquino - Alongamento, 2024	Página: 38
Figura 04. Ilustração 3 - Edwiges Silva - Sem título, 2024	Página: 39
Figura 05. Colagem - Rosa Vermelha - Um sonho, 2024	Página: 41
Figura 06. Colagem - Hauany Aquino - Massagem nos pés, 2024	Página: 46
Figura 07. Colagem - Margarida - Um sonho, 2024	Página: 47
Figura 08. Colagem - Tulipa - Um sonho, 2024	Página: 48
Figura 09. Colagem - Cravo - Um sonho, 2024	Página: 48
Figura 10. Colagem - Hortênsia - Um sonho, 2024	Página: 50
Figura 11. Colagem - Lavanda - Um sonho, 2024	Página: 51
Figura 12. Colagem - Jasmim - Um sonho, 2024	Página: 51
Figura 13. Colagem - Hauany Aquino - PAR, 2024	Página: 53

SUMÁRIO

Considerações Iniciais	9
Referencial Teórico: O Corpo Trabalhador	12
1.1. A Alienação do corpo, e as especificidades da vivência feminina	13
1.2. A Dança como possibilidade para o Sonhar	21
A Construção da Pesquisa: Entre o sonho e a realidade.	28
2.1. Metodologia	29
2.2. O Desenrolar da Intervenção: Planejamento vs Prática	33
2.3. As Vozes das Participantes: Um Olhar sobre o Grupo	37
Dançando os Sonhos: Um Desfecho em Movimento	39
3.1. A experiência da dança Vs A experiência do trabalho	40
3.2. O Desencantamento do Sonho.	47
3.3. Reverberações	53
CONCLUSÃO	58
REFERÊNCIAS	60
APÊNDICES	62

Considerações Iniciais

A presente monografia, elaborada no âmbito do curso de Licenciatura em Dança do Instituto Federal de Goiás - Campus Aparecida de Goiânia, como trabalho de conclusão de curso. Busca investigar como a prática em dança pode ser um caminho para a ressignificação da corporeidade e a construção de novas formas de relação com o mundo, em um contexto marcado pela precarização do trabalho e pela desvalorização do corpo.

A temática surge a partir de uma experiência pessoal que marcou a autora como arte-educadora: O trabalho em uma fábrica de produtos de limpeza. Ao me afastar temporariamente do universo das artes, vivenciei a necessidade de democratizar a dança, levando-a para além dos espaços convencionais. A experiência na fábrica, me aproximou e sensibilizou para o potencial transformador da dança, especialmente em ambientes onde as pessoas estão submetidas a condições de trabalho exaustivas e alienantes. O desejo de sonhar uma dança democrática que consegue estar principalmente com aqueles que, como eu, tiveram contato com diferentes formas de arte desde a infância, mas que, por vezes, sentiram-se desvalorizados em relação às manifestações artísticas hegemônicas, é o que motivou este estudo.

Esta Pesquisa, se insere no contexto mais amplo dos estudos de Gênero, Trabalho e Corpo, buscando compreender como a dança está presente na vida de mulheres trabalhadoras em um mundo caracterizado pela precarização do trabalho e pelo desencantamento, ou seja, onde a produção se sobrepõe à vida e tudo que a compõe. O desencantamento, nesse sentido, refere-se a um processo histórico e social que valoriza a racionalidade instrumental e a produção em detrimento de outras dimensões da experiência humana, como a espiritualidade, a afetividade e a criatividade (Bachelard, 2001). A dança, nesse contexto, pode ser vista como uma forma de resistência a essa lógica produtivista, oferecendo uma possibilidade para a expressão de emoções, desejos e subjetividades que são frequentemente negligenciados no mundo do trabalho.

Com base em uma perspectiva interseccional, que considera a complexidade das relações entre gênero, classe e outras categorias sociais, esta pesquisa, inspirada em autores como Saffioti (1976) e Marx (1970), analisa as desigualdades e as especificidades do trabalho feminino. A dança, compreendida como uma prática que possibilita a ressignificação da experiência corporal (Fux, 1983; Consorte, 2022; Vianna, 2005; Miller, 2016), emerge como

um espaço de resistência e transformação para mulheres trabalhadoras. Alicerçada nos estudos de Rodrigues (2008) sobre as teorias bachelardianas, a pesquisa utiliza a Ecologia Onírica - metodologia desenvolvida pelo autor -, recorrendo a encontros presenciais e a múltiplas ferramentas de pesquisa (grupos focais, diário de bordo, questionários e colagens) para investigar como a dança pode contribuir para a construção de novas narrativas sobre o corpo e o trabalho feminino.

A Ecologia Onírica por definição, converge a educação estética, ética e ambiental, permitindo uma imersão na subjetividade das participantes, possibilitando uma compreensão mais profunda de suas experiências e percepções (SILVA, RODRIGUES, 2013). A escolha por essa metodologia se justifica pelo seu laço com a Filosofia Onírica que pensa o desencantamento do mundo e a capacidade de promover uma intervenção sensível e significativa que busca resistência ao afastamento do ser humano de si mesmo e do mundo que o cerca.

Nesse sentido, foi realizada uma vivência artística de quinze semanas com as participantes, composta por encontros semanais com propostas de movimento que exploravam diferentes emoções e sensações. Esse espaço propiciou um ambiente seguro e acolhedor para que as mulheres pudessem se conectar com seus corpos, expressando suas vivências de forma livre e autêntica.

Os resultados deste estudo indicam que, embora as mulheres tenham contato com a dança em suas práticas de lazer, a sobrecarga de suas rotinas e a dificuldade em reconhecer seus próprios saberes dançantes, que muitas vezes divergem dos padrões hegemônicos da dança sistematizada, limitam suas experiências. A pesquisa aponta, no entanto, para o potencial da dança como ferramenta de bem-estar e como uma chance de reconhecimento de seus saberes corporais. Os dados coletados, comentados e desenvolvidos ao longo dos capítulos, indicam possíveis estratégias para ampliar o acesso à dança e para promover a valorização dos saberes dessas mulheres.

CAPÍTULO I

Referencial Teórico: O Corpo Trabalhador

Na vida a gente tem que entender, que um nasce pra sofrer, enquanto o outro ri.

Tim maia

2



Ilustração: Edwiges Silva³, 2024

² Nome da Faixa: Azul da Cor do Mar. Ano de Lançamento: 1970. Composição de: Tim Maia, cantor, compositor e ícone da música brasileira. A música é aqui utilizada como epígrafe poética fazendo referência ao assunto que será apresentado.

³ Edwiges Heloiza da Silva, 20 anos, é uma aspirante a artista profissional. Atualmente, trabalha como tatuadora e, há quase dois anos, também atua como bordadeira, desenvolvendo suas peças a partir de artes digitais sob o pseudônimo Proeza, Sô. Movida por sua curiosidade, Edwiges explora constantemente novos estilos, técnicas e formas de expressão artística, buscando sempre expandir sua criatividade.

Se o mundo inteiro pudesse ouvir Tim Maia, assim como é o seu desejo na canção "Azul da Cor do Mar", perceberia que seus versos refletem muitos dos ensinamentos presentes em nossa sociedade, notaria-se que alguns nascem para sofrer enquanto outros sorriem, alguns para produzir enquanto outros lucram. Tais versos parafraseados, embora retratem de modo poético a realidade do modo de produção moderno, não deixam de ser uma injusta verdade cantada, e a vitória a partir de uma revolução macro pode ser em muitos momentos utópica, mas vale lembrar, que a luta contra as opressões começa a partir de um sonho de liberdade, e que esse sonho seja grande, intenso e azul, da cor do mar.

O presente capítulo tem como objetivo construir o arcabouço teórico que ampara esta pesquisa. Para tanto, serão explorados conceitos chave como 'Mundo Desencantado' e 'Filosofia Onírica', propostos por Rodrigues (2008), que nos auxiliarão a compreender metodologicamente a visão desta pesquisa. Além disso, serão abordadas as relações entre trabalho e gênero com base nas contribuições de Marx (1970) e Saffioti (1976), e nos estudos específicos sobre dança de Viana (2005), Fux (1983), Miller (2011; 2016) e Consorte (2023). Essa intersecção de perspectivas permitirá uma análise mais aprofundada das experiências e práticas do grupo em estudo.

1.1. A Alienação do corpo, e as especificidades da vivência feminina

Na perspectiva marxista, o Trabalho, em sua gênese, configura-se como a ação que viabiliza a intervenção humana no mundo. Através do Trabalho, o ser humano é capaz de propor, criar e desenvolver sua existência com os recursos naturais disponíveis. O Trabalho se torna, portanto, a potencialização das habilidades humanas, o que garante seu desenvolvimento enquanto sujeito e, para além disso, enquanto espécie. Nesta lógica inicial, quanto mais o sujeito trabalha, mais coloca em prática sua potência criadora, que o diferencia dos demais animais.

Embora a explicação inicial do Trabalho capture sua essência como meio de desenvolvimento humano, ela se mostra insuficiente para compreender a complexa realidade do trabalho no contexto capitalista. Dentro da lógica do capital, o Trabalho se transforma de um elemento criador para um elemento destruidor da subjetividade humana. Marx argumenta em seus *Manuscritos-Econômicos-Filosóficos*, de 1844, que o trabalho originalmente concebido como um meio de vida, torna-se alienante e forçado no modo de produção capitalista. Essa transformação gera insatisfação no trabalhador, que, segundo o autor, “só se sente à vontade em seu tempo de folga, enquanto no trabalho se sente contrafeito” (Marx,

1970, p.93). Essa aversão ao trabalho se torna tão intensa que, para Marx, “seu caráter alienante é claramente atestado pelo fato de que logo que não haja compulsão física ou outra qualquer, será evitado como uma praga” (Marx, 1970, p.93).

Mas o que muda? A principal mudança reside na forma como o trabalhador acessa os recursos que o mantêm vivo. Antes, o trabalho proporcionava acesso direto à sua própria produção – como plantar e colher alimentos, e assim, o ser humano acessava de modo direto sua própria existência e potência de vida. No entanto, no modo de produção capitalista, o trabalhador só tem acesso à natureza e seus recursos através da venda da sua força de trabalho. Precisando, portanto, trabalhar, produzindo um produto que não lhe pertence, para receber um salário, que por sua vez, permite comprar os recursos necessários para sua subsistência.

Logo, Marx (1970) propõe que o ser humano só se mantém como sujeito físico, na medida em que é um trabalhador, pois necessita antes trabalhar de modo alienado, para depois acessar os meios de vida que o tornam sujeito. Dessa forma, o trabalho deixa de ser um meio de vida natural e impulsionador das habilidades humanas para se tornar uma venda, cujo salário passa a ser o mediador da vida humana e sua relação com a natureza. Assim, o sujeito só é reconhecido como tal se for útil ao capital.

Marx, continua a discussão na obra citada, tecendo uma crítica ao trabalho alienado no sistema capitalista. Para ele, o trabalho, que deveria ser uma atividade humana essencial de auto realização e desenvolvimento, torna-se sob o capitalismo uma fonte de alienação e opressão. O autor pontua que, a Economia Política da época considerava a alguns aspectos de exploração, mas a normalizaram como uma mera consequência, sem explicações mais profundas, e em contraponto a esse pensamento inicial, o autor aprofunda-se na temática afirmando que, a alienação é diretamente vinculada ao capitalismo, de modo entrelaçado, onde o desenvolvimento do capital depende da alienação do trabalhador.

Sendo assim, podemos considerar que o trabalho criador, que potencializa o ser humano, levaria ao fim do sistema, pois para haver lucro, mais-valia e mercado, é necessário que o trabalhador venda sua força de trabalho para suprir suas necessidades de sobrevivência e não tenha acesso a ela espontaneamente. À vista disso, para manter sua existência, complexidade e evolução, o capitalismo reduz o trabalhador a suas necessidades animais: comer, beber, dormir e procriar.

Chegamos à conclusão de que o homem (o trabalhador) só se sente livremente ativo em suas funções animais - comer, beber e procriar, ou no máximo também em sua residência e no seu próprio embelezamento -, enquanto em suas funções humanas se reduz a um animal. O animal se torna humano e o homem se torna animal. Comer, beber e procriar são, evidentemente, também funções genuinamente humanas. Mas, consideradas abstratamente, à parte do ambiente de outras atividades humanas, e convertidas em fins definitivos e exclusivos, são funções animais. (MARX, 1970, pág. 94).

Essa animalização do ser humano em virtude do trabalho, dentro da análise do autor, ocorre por um processo que mina a autonomia, a criatividade e o desenvolvimento humano do trabalhador. Manifestando-se com três aspectos principais: A alienação do produto de seu trabalho; A alienação do Processo Produtivo; A Alienação de si mesmo, e logo a alienação da própria espécie.

A alienação do produto do trabalho, se dá quando o produto - que se trata da materialização do trabalho do trabalhador, que inclui o tempo e o esforço que ele dedicou à sua produção - não é pertencente ao trabalhador que o produziu, pelo contrário, o objeto se torna externo e independente do trabalhador, e sua posse é dada a um não-trabalhador. Essa alienação priva o trabalhador do fruto do seu trabalho, que é apropriado pelo capitalista.

Marx (1970), argumenta ainda, que a alienação do trabalhador não se limita ao produto do seu trabalho, mas se estende também ao processo de produção. De acordo com o autor, “Se o produto do trabalho é alienação, a própria produção deve ser alienação ativa - a alienação da atividade da alienação” (Marx, 1970, p. 93). Sendo assim, o capitalista detém o controle total sobre o processo, definindo as tarefas, os métodos e o ritmo de trabalho, reduzindo o trabalhador a um mero executor de ordens. Essa perda de autonomia significa que o trabalhador não pode usar suas habilidades e criatividade no trabalho, tornando-o alienado de sua própria atividade.

A alienação do produto e do processo de produção se aprofunda na alienação de si do trabalhador. O trabalho se torna repetitivo, fragmentado e sem sentido, privando-o de usar suas habilidades e desenvolver-se plenamente. Considerando que o ser humano é um ser autoconsciente, ou seja, capaz de identificar-se como sujeito da própria vida discernindo seus próprios traços, características e sentimentos, uma vez que não se reconhece em suas ações de produção, pouco a pouco também se torna alienado de si, sendo reduzido a uma função laboral.

O animal identifica-se com sua atividade vital, ele não distingue a atividade de si mesmo. Ele é sua atividade. O homem, porém, faz de sua atividade vital um objeto de sua vontade e consciência. Ele tem uma atividade vital consciente. Ela não é uma

prescrição com a qual ele esteja plenamente identificado. A atividade vital consciente distingue o homem da atividade vital dos animais: só por esta razão ele é um ente-espécie. Ou antes, é apenas um ser autoconsciente, isto é, sua própria vida é um objeto para ele, porque ele é um ente-espécie. Só por isso, a sua atividade é atividade livre. O trabalho alienado inverte a relação, pois o homem, sendo um ser autoconsciente, faz de sua atividade vital, de ser, unicamente, um meio para sua existência. (MARX, 1970, p. 96)

Ao ser afastado de si mesmo, o trabalhador se torna um instrumento para a produção de lucro, alienando-se de sua natureza humana criativa e ativa. Em contraste com os outros animais, que produzem apenas para sua sobrevivência, o ser humano tem a capacidade de produzir com base em diferentes padrões e leis estéticas. No trabalho criativo, o ser humano se reconhece no mundo que constroi, aproximando-se de sua genericidade enquanto espécie. No entanto, no trabalho alienado, essa característica se perde, e o trabalho se torna apenas um meio para satisfazer as necessidades básicas do ser humano. Desse modo, distanciado do seu produto, do processo de produção e de si mesmo, o sujeito também se distancia das características de sua espécie e das relações com outros seres humanos. Como aponta Marx, "o caráter exteriorizado do trabalho para o trabalhador é demonstrado por não ser o trabalho dele mesmo, mas trabalho para outrem, por no trabalho ele não se pertence a si mesmo, mas sim a outra pessoa" (Marx, 1970, p.93).

A alienação no trabalho, embora um fenômeno sistêmico, impacta de forma mais singular a subjetividade das mulheres. As trabalhadoras, em situação de dupla jornada e submetidas a jornadas extenuantes, vivenciam uma alienação intensificada, marcada por sentimentos de inferioridade, desvalorização e exaustão crônica. Essa experiência complexa, que se cruza com outras formas de opressão, tem consequências significativas para a saúde mental e a qualidade de vida dessas mulheres, afetando suas relações interpessoais, autoestima e a construção de projetos de vida

A dicotomia da vivência masculina e feminina, é historicamente pautada. Em sociedades patriarcais, a responsabilidade por tarefas domésticas, organização, manutenção de ambientes e cuidado com pessoas e animais é atribuída às mulheres, naturalizando a responsabilidade feminina pelo cuidado. Não coincidentemente, ao iniciarmos a pesquisa, encontramos um cenário que reflete essa realidade: a equipe de manutenção e limpeza do Instituto Federal de Goiás, no Campus Aparecida de Goiânia, é composta em sua maioria por mulheres. No próximo capítulo, serão debatidos tais dados, no entanto, é importante mencionar que a equipe é composta por 19 profissionais, sendo 15 mulheres e 3 homens, denotando a feminização do trabalho de cuidado nesse espaço.

A partir disso, podemos levantar a seguinte questão: como a divisão sexual do trabalho e a responsabilidade feminina pelo cuidado se articulam com a experiência das trabalhadoras terceirizadas na equipe de auxiliares de serviços diversos e jardinagem do IFG - Campus Aparecida de Goiânia? Embora essa pergunta seja complexa e merecesse uma pesquisa própria para ser devidamente debatida e analisada, neste trabalho, faremos apenas um breve debate sobre ela, a fim de contextualizar os atravessamentos que movem este estudo.

Atualmente, o tema “Cuidado” ascende nas discussões contemporâneas, estando presente desde a academia, com pesquisas científicas, até em conversas informais que abordam a extensa jornada de trabalho feminina. Essa discussão, parte do princípio de que qualquer sociedade humana necessita, independentemente do modo de produção, de uma organização do cuidado, tendo em vista que a vida humana exige atenção constante, como as de preparação das refeições, limpeza, organização dos ambientes, o acompanhamento de pessoas com necessidades específicas (crianças, idosos, pessoas com deficiência), entre outras. Essas atividades categorizam o trabalho de cuidado e manutenção da vida, e são indispensáveis para o bem-estar social como um todo. Um exemplo que podemos utilizar é o de que, as instituições de ensino, ou até mesmo, as fábricas e empresas, partem do pressuposto que seu aluno e/ou seu trabalhador está sendo alimentado, higienizado, e vivendo em ambientes saudáveis em seu contexto doméstico, e que isso o fará chegar apto para o trabalho ou para o ensino nesses locais, mas quem cuida para que todas essas ações aconteçam? É a partir desse exemplo, que chegamos às mães, às esposas, às irmãs, e, de modo geral, às mulheres.

Percebe-se que o cuidado é fundamental para a existência humana e, também, para economia, mas como dito, é invisibilizado e desvalorizado na sociedade patriarcal. Essa lógica social atribui aos homens o papel de liderança e proteção, enquanto às mulheres é dado o papel de submissão e cuidado. Naturalizando o cuidado como função feminina, leva à sua desvalorização, que se estende à própria mulher como ser humano. A socióloga Heleieth Saffioti, em 1976, analisa essa dinâmica em sua obra “A Mulher na Sociedade de Classes: Mito e Realidade” Segundo ela, a mulher é socializada para desempenhar as “funções na família de sexualidade, reprodução e socialização dos filhos” (SAFFIOTI, 1976 p. 27). A autora ainda destaca que essas funções se vinculam tanto à condição de trabalhadora remunerada quanto à de inativa, ou seja, a mulher tem funções atribuídas a ela independentemente de qualquer outra atividade

Sob a capa de uma proteção que o homem deveria oferecer à mulher em virtude da fragilidade desta, aquele obtinha dela, ao mesmo tempo, a colaboração no trabalho e o comportamento submisso que as sociedades de família patriarcal sempre entenderam ser dever da mulher desenvolver em relação ao chefe de sua família. (Saffioti, 1976, p. 17)

Além do cuidado estruturalmente dado às mulheres, a exploração do trabalho feminino ainda opera em uma segunda esfera, nos trabalhos assalariados dentro do mercado capitalista. Segundo Saffioti, “A mulher das camadas sociais diretamente ocupadas na produção de bens e serviços nunca foi alheia ao trabalho.” (SAFFIOTI, 1976, pág 27) , ou seja, a figura feminina apesar de ter seu trabalho marginalizado, nunca foi afastada dele, trabalhando desde as economias pré-capitalistas em funções não consideradas dignas para a atuação masculina.

Mas, as mulheres vão entrar de fato no assalariamento, na transição para o modo de produção burguês que impulsionou a necessidade de mão de obra barata. A transição para um modelo de produção mecanizado alterou as demandas do mercado de trabalho. Nessa nova dinâmica, as mulheres, historicamente marginalizadas, foram vistas como uma força de trabalho promissora, o que, no entanto, não significou uma igualdade de condições, mas sim a intensificação da exploração e da desigualdade de gênero. Muitas mulheres, inclusive com seus filhos, ingressaram nas indústrias, onde eram submetidas a condições precárias e exploratórias, salários baixos, longas jornadas de trabalho e ambientes insalubres, realidade que se mantém em muitos espaços até a atualidade.

As desvantagens sociais que gozavam os elementos do sexo feminino permitiam à sociedade capitalista em formação arrancar das mulheres o máximo de mais-valia absoluta através, simultaneamente, da intensificação do trabalho, da extensão da jornada de trabalho e de salários mais baixos que os masculinos. (SAFFIOTI, 1976, p.: 19).

Ao longo da história, a presença das mulheres nas indústrias foi marcada por uma dinâmica instável. Elas entraram e saíram do mercado de trabalho industrial de acordo com a disponibilidade de mão de obra masculina, ocupando vagas que não eram priorizadas pelos homens. Mesmo com essa instabilidade, as mulheres gradualmente se inseriram no mercado de trabalho, atraídas pela independência financeira que garantia uma vida livre da opressão do domínio masculino, “liberdade” essa, prometida pela classe burguesa a partir dos salários.

Vale ressaltar, que antes da inserção massiva das mulheres no mercado de trabalho, as relações de poder entre homens e mulheres eram marcadamente desiguais. Em uma famosa frase dita pela escritora, filósofa, ativista e teórica francesa Simone de Beauvoir (1908 -1986), a ativista destaca que é justamente por meio do trabalho que as mulheres podem diminuir essa

distância, uma vez que, ao ingressarem no mercado de trabalho, elas conquistam maior autonomia financeira e reduzem sua dependência em relação aos homens, desafiando assim estruturas de poder arraigadas.

No entanto, é fundamental ressaltar que o trabalho não é a única solução para a desigualdade de gênero. Fatores culturais, políticos e legislativos também exercem um papel crucial nesse complexo processo. Tanto que culturalmente, mesmo fazendo parte da massa proletária geral, as mulheres receberam categorias profissionais, não por coincidência, relacionadas ao cuidado, como empregadas domésticas, cozinheiras, enfermeiras e professoras que são alguns exemplos de profissões que se tornaram femininas. Essa feminização, por sua vez, contribuiu para a desvalorização dessas áreas, perpetuando um ciclo de exploração onde o trabalho feminino é considerado menos importante e, consequentemente, menos remunerado.

Sendo assim, a crescente participação das mulheres no mercado de trabalho é resultado de uma convergência de fatores, que inclui o papel dos movimentos feministas, e a conscientização individual, mas que é principalmente guiada pelas demandas do capital, onde:

A mulher, por representar uma parcela considerável da sociedade, representa também força de trabalho ativa em larga escala. A sua utilização se torna imprescindível para o mundo dos capitalistas. Integrar a mulher no mercado de trabalho se torna de extrema importância e indispensável para a acumulação de capital. Portanto, as lutas advindas dos movimentos feministas representam uma forma legal e de manipulação das próprias mulheres para que o capitalista explore delas a força de trabalho em seu benefício sem o mínimo de sentimento de explorador. E não são os movimentos feministas que inserem ou integram as mulheres ao mercado de trabalho, e sim a própria dinâmica da produção capitalista que leva a isso”. (Marques, 2006, p.53)

A presença das mulheres no mercado de trabalho é marcada por diversas interseccionalidades. Além da divisão sexual do trabalho, fatores como classe social e raça intensificam as desigualdades. Mulheres de classes mais altas, em geral, possuem maior acesso a oportunidades e a trabalhos mais qualificados, enquanto mulheres negras e indígenas, por exemplo, concentram-se em empregos precarizados e subvalorizados, como os trabalhos de cuidado. Essa interseccionalidade de marcadores sociais gera uma complexidade de experiências e desigualdades, que precisam ser analisadas de forma mais aprofundada.

Marques (2006), pontua que com o desenvolvimento da sociedade burguesa, o movimento das mulheres dentro do mercado de trabalho se intensifica rapidamente, no sentido de exploração da força de trabalho feminina. O autor ressalta que, em famílias de classe baixa, meninas frequentemente ingressam no mercado de trabalho precocemente pela

necessidade de garantir sua sobrevivência antes de qualquer outra coisa, como educação e a própria juventude.

Comum encontrar nas diversas empresas existentes um grande número de adolescentes mulheres, que vêm se inserindo no mercado de trabalho a partir dos 14 anos de idade. Além disso, percebe-se que, em sua maioria, se trata de adolescentes das classes oprimidas, cujos pais, não têm uma condição financeira que lhe possibilite dedicar aos estudos, ou mesmo, à sua vida de adolescente, concomitantemente, as adolescentes providas das classes dominantes se mantêm por mais tempo fora do mercado de trabalho, com dedicação exclusiva aos estudos e ao gozo avaro da vida capitalista. (MARQUES, 2006, p. 40)

A composição do nosso grupo de pesquisa, majoritariamente composto por mulheres não-brancas, está longe de ser aleatória, pelo contrário, é um reflexo da realidade social e de como a experiência da divisão sexual do trabalho afeta o grupo pesquisado. As desigualdades de gênero, raça e classe se manifestam na escolha das áreas de trabalho, nas oportunidades de carreira e nas diferentes formas de opressão e marginalização que essas mulheres enfrentam. Sendo importante pontuar, por fim, alguns dados que enfatizam essa discussão.

Se o trabalho doméstico executado pelas mulheres de modo não remunerado fosse contabilizado, segundo um estudo da economista Hildete Pereira de Melo (2022), da Universidade Federal Fluminense, o PIB do Brasil aumentaria em 11%. Para essa mesma pergunta, em 2015, a PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) chegou ao valor de R\$ 634,3 bilhões, equivalente a 25,6% do PIB do país. Na esfera da participação das mulheres na mão de obra assalariada, segundo a PNAD Contínua do IBGE, os números afirmam que em 2022, as mulheres representavam 49,1% da mão de obra assalariada no Brasil, sendo possível observar um aumento de entre os anos de 1992 e 2022 da participação das mulheres na força de trabalho brasileira que subiu de 40,4% para 49,1%. Ainda segundo o IBGE, considerando os cargos de gerência no Brasil, as mulheres ocupam 34,9%.

Ao realizarmos um recorte e pensarmos nas atividades desenvolvidas por mulheres negras, nos deparamos com os seguintes dados. Segundo o PNAD Contínua do IBGE, em 2019, 44,7% das mulheres negras ocupadas no Brasil estavam em serviços domésticos e de cuidado, 60,9% das trabalhadoras domésticas no Brasil eram mulheres negras, 27,9% das cuidadoras de pessoas idosas eram mulheres negras. Observando cargos de gerência, apenas 3,5% das mulheres que ocupavam esses cargos no Brasil, eram negras. E em relação às mulheres negras ocupadas no Brasil, 28,3% estavam em situação de trabalho precário, como trabalho informal, sem carteira assinada ou com rendimentos baixos, segundo a PNAD

Continua do IBGE.

Por fim, concluímos este tópico, refletindo acerca do trabalho alienado que em muitos momentos retira das trabalhadoras o controle de sua própria vida e a sua autonomia sobre ela, tendo essa alienação um impacto negativo à saúde mental, física e emocional das trabalhadoras, especialmente das mulheres que tem seu trabalho e sua própria existência desvalorizada e considerada menos importante socialmente, além de ter que lidar com jornadas duplas, triplas e interseccionalidades de opressões em suas experiências de vida.

1.2. A Dança como possibilidade para o Sonhar

Diante do tópico exposto anteriormente, observamos que a Alienação é uma constância na vida dos trabalhadores e trabalhadoras. Nesse sentido, a dança emerge como uma alternativa para resgatar o encantamento perdido na vida desses sujeitos, e dessa forma fomentando a consciência da relação entre corpo e mente. Conforme Viana (2005), o corpo é o portal para a compreensão de si mesmo e do mundo. Assim sendo, a dança ultrapassa os contornos de uma atividade física, e transforma-se em um trabalho corporal criativo que busca despertar e aproximar a sensibilidade dos sujeitos, a fim de que estes consigam acessar uma visão integral de si.

É compreendendo essa desconexão com o corpo causada por uma sociedade moderna que deposita suas crenças apenas em conhecimentos objetivos, matemáticos e verificáveis, em detrimento da emoção, da intuição, da imaginação e do corpo, que o filósofo francês Gaston Bachelard propõe a Filosofia Onírica. O autor afirma que “A ciência nos deu um mundo objetivo, mas nos tirou um mundo vivido.” (Bachelard, 2001 p. 15). Gaston Bachelard não se dedicou diretamente às temáticas marxistas em sua obra, porém, seus escritos oferecem elementos que permitem uma reflexão crítica sobre as desigualdades sociais e a busca por transformação social amparada na poesia e na imaginário.

Num viés bachelardiano, podemos perceber o quanto perdemos o sentido do espanto imaginário. Perdemos a sensibilidade e parece que todos os nossos sentidos se assemelham. Perdemos a noção do diálogo, do contato humano, do face a face. Estamos nos tornando cada vez mais seres virtuais, no sentido negativo e aniquilador do termo”. (Rodrigues, 2008, p. 69)

O pesquisador-sonhador Rodrigues, em 2008 disserta que a modernidade não só retirou a capacidade de sonho e imaginação do sujeito, como também o distanciou de sua sensibilidade, o que reverbera como um ato de alienação de si. Assim sendo, apesar dos grandes avanços científicos que o racionalismo proporcionou a sociedade moderna - como tecnologia, saúde, educação laica entre outros -, o uso exacerbado da razão, para Bachelard, apresenta também efeitos negativos para a sociedade humana, que tem sua experiência em relação à vida empobrecida, uma vez que, a razão e a ciência não são suficientes para compreender a realidade onde a poesia, a arte e os sonhos também possuem um papel fundamental na construção do conhecimento e na formação da nossa visão de mundo.

Em geral, mantemos o corpo adormecido. Somos criados dentro de certos padrões e ficamos acomodados naquilo. Por isso digo que é preciso desestruturar o corpo; sem essa desestruturação não surge nada de novo. Desestruturar significa, por exemplo, pegar um executivo ou uma grã-fina, desses que buscam as academias de dança e, colocando-os descalços na sala de aula, fazer que dêem cambalhotas. Esse é o caminho para a desestruturação física, que dá espaço para que o corpo acorde e surja o novo. No fundo, é uma mudança de ritmo: se vou todos os dias pelo mesmo caminho, não olho para mais nada, não presto atenção em mim ou no ambiente. Mas se penetro numa rua desconhecida, começo a perceber as janelas, os buracos no chão, despertando para as pessoas que passam, os odores, os sons. Se o corpo não estiver acordado é impossível aprender seja o que for (KLAUSS, 2005 p. 77).

A técnica de Klauss Vianna, com seu foco na desestruturação corporal, oferece um ponto de partida para pensar como a dança pode se tornar um caminho para resistir ao desencantamento citado. Viana, propõe a desestruturação como parte do processo para se “acordar o corpo” imerso no adormecimento de si. Ao indicar a inserção dos sujeitos em contextos controversos, o autor sugere que a chave para o autoconhecimento reside na capacidade de observar e se adaptar a diferentes situações. A partir dessa experiência, os indivíduos podem expandir seus repertórios e construir uma imagem mais completa de si mesmos.

A metodologia proposta pelo autor transcende a mera análise das estruturas musculares e articulares. Ela convida o praticante a uma jornada de experimentação, na qual os limites e as potencialidades do corpo são continuamente desafiados e redescobertos. Ao explorar movimentos novos e inusitados, como cambalhotas e outras sequências complexas, o

corpo se torna um laboratório vivo, onde cada tentativa e erro representa uma oportunidade de aprendizado e aprimoramento. A partir dessa abordagem, a dança se transforma em um processo de constante descoberta, em que o corpo se reinventa a cada movimento.

Viana (2005), estende ainda que a integralidade do ser humano deve estar presente dentro da sala de aula. O autor enfatiza a impossibilidade de separar as facetas de quem se é para fazer uma aula de dança. Ou seja, a sala de aula de dança deve prezar pela escuta e acolhimento, “por isso não concordo com os que dizem que, ao entrar numa sala de aula, é preciso deixar os problemas lá fora. Impossível, pois minhas angústias e tensões estão presentes em meu corpo, em meus gestos.” (p. 75). Por conseguinte, deve-se sobretudo buscar aplicar práticas corporais em um ambiente que reconheça as especificidades que cada envolvido traz consigo em suas vivências e emoções, é a partir desse reconhecimento das singularidades que se faz possível promover a integração entre corpo e mente dos dançarinos/as.

Ainda buscando por perspectivas de uma sala de aula de dança que possa oferecer uma possibilidade de caminho e movimento para a recuperação do sonho, pontuamos as contribuições de Jussara Miller (2016) que a partir de seus estudos da técnica Klauss Vianna, afirma que o papel da professora de dança transcende a mera transmissão de técnicas e movimentos predefinidos. A professora deve se tornar um agente facilitador, criando um ambiente propício para que cada aluna explore suas próprias potencialidades e desenvolva sua própria linguagem corporal. Ao valorizar o processo de experimentação e descoberta, a professora se coloca em uma posição de constante aprendizado, instigando tanto as alunas quanto a si mesmo a buscar novas formas de expressão e conhecimento.

Entre as diversas inovações propostas por eles, podemos citar algumas como: a postura do professor como orientador e facilitador de um processo e não como modelo a ser copiado; o desuso de sapatilhas para melhor trabalhar os espaços articulares e os apoios dos pés dos bailarinos; o trabalho técnico corporal com enfoque somático, resultando na percepção e consciência do movimento; o trabalho centrado no indivíduo com suas percepções, relações e autoconhecimento; o desapego do espelho como referência, tão habitual em sala de aula de dança até os dias de hoje; a busca da dança e singularidade de cada aluno; a relação de pesquisa de movimento, inclusive na vida cotidiana, entre outras inovações. (MILLER, 2012, p. 16)

No trecho acima, Miller sistematiza as propostas de Klauss e Angel Vianna, a pesquisadora destaca que estes autores são fundamentais para compreender uma lógica de autonomia em sala de aula. Dentro desse referencial, a figura da professora como orientadora e facilitadora, em vez de um modelo a ser copiado é reafirmado, bem como a compreensão de

um processo individualizado de aprendizagem. Existe ainda um profundo respeito ao corpo uns dos outros e a necessidade de desenvolver uma consciência corporal singular. Miller (2012) ainda pontua que para os Vianna, o foco deslocado do espelho para o interior do corpo, promove uma prática de dança que valoriza e busca pela autenticidade.

Essa abordagem, centrada no sujeito e na pesquisa constante do movimento consciente, representa um afastamento significativo dos métodos tradicionais de ensino da dança, oferecendo a possibilidade de acesso à aula de uma diversidade maior de pessoas, e a trocas mais significativas realizadas nos contornos do ensino. Sob essa perspectiva, os dançarinos e dançarinas têm a oportunidade de desenvolver uma relação mais íntima com seus corpos e com a arte da dança.

E é nessa exploração do próprio corpo que embarcaremos nos estudos de Fux (1983), onde a autora pontua que o movimento cabe em todos os corpos, sendo a expressão e a criação através do corpo inerentes à natureza humana. Logo, a pesquisa pretende contemplar todas as especificidades do grupo estudado. Para a autora, o movimento é capaz de acessar as subjetividades de cada ser, sem depender de suas condições físicas, mentais ou sociais, e expressá-la para o mundo exterior. Para ela, essa ação possibilita uma descarga de satisfação e alegria.

O movimento, e a possibilidade de estimulá-lo com a música, a palavra ou o silêncio, revela no espaço a psicologia profunda do indivíduo. Isto se obtém melhorando as possibilidades existentes, desenvolvendo outras e, fundamentalmente, fazendo sentir ao grupo a possibilidade criadora que há dentro de cada um de seus integrantes: desse modo é possível desenvolver não só a parte física, mas também a psíquica, estimulando- os a um reencontro que produz descarga e alegria. (FUX, 1983, p.115)

Com uma visão holística da dança, a autora enfatiza seu potencial não apenas como expressão física, mas também como ferramenta para o desenvolvimento pessoal e social. Ao destacar a importância do movimento, da música, da palavra e do silêncio, Fux sugere que a dança é uma linguagem acessível que permite experienciar os níveis mais profundos da psique humana. Através da dança, é possível estimular a criatividade, a autoconsciência e o senso de comunidade. Ao criar um ambiente propício à experimentação e à expressão, a dança se torna um espaço de transformação, onde os indivíduos podem se conectar consigo mesmos e com os outros. Ou seja, deve-se encontrar um equilíbrio entre a importância de um trabalho que valorize a individualidade, e ao mesmo tempo que fortaleça o sentimento de pertencimento a

um grupo.

A experiência do movimento, sobretudo quando vivenciada em grupo, pode ser ainda mais enriquecedora. Fux (1986), diz que, ao se moverem juntos, os participantes estabelecem conexões, compartilham experiências e constroem um sentimento de comunidade. Nesse contexto, o movimento se torna uma linguagem compreendida para além da comunicação verbal, transcendendo assim barreiras de diversidades, abrindo o ambiente da sala para pessoas com diversos níveis de escolaridades, diversas especificidades corporais, se apoiando na relação de grupo e na possibilidade de expressão a partir do movimento.

Dentro da coletividade a dança emerge como um potente catalisador de transformação. Conforme propõe Consorte (2023), ao perceber sua interconexão com o ambiente, o indivíduo pode atuar de forma a contrapor à fragmentação - consigo e com o mundo. A dança, nesse sentido, abre espaço para práticas de cuidado, coletividade e (re)conhecimento, promovendo um diálogo com diversas outras áreas do conhecimento, e estabelecendo possibilidades.

Consorte ainda afirma que é possível em uma aula de dança, “propor experiências de movimento livre, sem códigos, que se adequam ao entendimento de cada Eu Corpo. Nesse cenário, a dança pode inclusive não ser o conteúdo principal da aula”. (p.65) Assim sendo, adotamos em nossa pesquisa, a dança para além de uma técnica ou estética específica, e a tomamos então como início, meio e fim, como caminho e possibilidade, valorizando a experiência e a expressão para a construção de sentido e conexão com a corporeidade.

Levando em consideração essa concepção, entendemos corporeidade pelo seguinte conceito:

Neste entendimento, a corporeidade incide, entre outros, em processamento de experiências – vivências – acumuladas pelo corpo, ao longo dos anos, ou seja: um arranjo de conhecimentos subjetivos, também amparado pela capacidade motriz humana. No caso do sujeito que dança, a corporeidade sucede da cognição de variáveis anatômicas, cinesiológicas, fisiológicas, culturais, sociais e emocionais. Assim, contrariamente ao senso comum, na dança unimos o corpo ao pensamento e, desta forma, o pensamento da dança se torna ele mesmo uma dança pensante (ALÁRCÓN, 2009).

A citação de Alarcón nos convida a repensar a dança como uma prática que vai muito além do simples movimento. Ao considerar a corporeidade como um processo de construção contínua, o autor nos mostra que a dança é uma ferramenta poderosa para a transformação pessoal e social. Logo, segundo o autor o corpo não é apenas uma estrutura

física, mas um acúmulo de vivências e conhecimentos. É como se o corpo fosse uma espécie de "banco de dados" que não só armazena experiências, mas propõe conexões a partir delas, desde as mais simples até as mais complexas. E ao dançarmos, não estamos apenas movimentando o corpo, mas também pensando e sentindo. A dança considera a integralidade do ser, indivisível, e impossível de se separar, desafiando a dicotomia cartesiana entre corpo e espírito.

O corpo do trabalhador, muitas vezes moldado pelas exigências laborais, carrega em si uma rica expressão corporal, frequentemente adormecida. Todavia, isso não diminui a potencialidade presente em cada corpo, como podemos ver em diversas manifestações artísticas populares, ricas em elementos e camadas artísticas, onde os envolvidos são predominantemente da classe trabalhadora. Um exemplo disso, na região local dessa pesquisa, destacamos as quadrilhas, que ao se organizarem e criarem suas próprias danças, os trabalhadores não apenas preservam saberes ancestrais, mas também se empoderam, ressignificando seus corpos e suas histórias. Maria Fux (1896), nos elucida acerca disso.

A dança está no homem, em qualquer homem da rua, e é necessário desenterrá-la e compartilhá-la. Temos a comprovação no folclore; ele chega até nossos dias vivo e fresco em seus ritos. Vi o Brasil inteiro dançar suas danças religiosas e pagãs; (FUX, 1896, p.39).

Considerando o referencial descrito, refletimos ainda, acerca do trabalho com grupos de adultos trabalhadores, que remete diretamente ao nosso grupo pesquisado. Ao atuar com grupos nesse perfil, é fundamental considerar a ampla gama de experiências em dança que cada indivíduo pode trazer. Essa experiência pode variar desde a completa ausência de prática até um repertório bastante rico e diversificado. Seus conhecimentos podem englobar desde as danças populares urbanas até as danças de salão, passando pelas danças populares tradicionais.

Essa variedade de experiências pode ser um desafio a ser explorado, no entanto, embora represente um cenário diverso, consideramos como um tesouro de possibilidades. Para nos fundamentarmos em relação a essa hipótese no que se refere ao grupo pesquisado, levaremos em consideração a afirmação de Viana (2005), de que a Dança é uma linguagem universal que se adapta a todos os grupos, independentemente de suas habilidades e experiências prévias.

Portanto, não pretendeu-se desvalorizar ou ignorar a diversidade de repertórios, caso encontradas, pois ela enriquece o processo criativo e a experiência de cada participante. Ao reconhecer e respeitar as diferentes formas de se mover e expressar, pretendemos criar um ambiente inclusivo e acolhedor, onde é possível se sentir à vontade para experimentar e aprender. Essa valorização da diversidade também contribui para a construção de um senso de comunidade e pertencimento ao grupo.

O senso de comunidade e o pertencimento ao grupo contribuem para a construção de um contexto de maior proximidade e sonho. Em vista disso, Rodrigues (2008), pontua que a relação das Artes/Dança com a corporeidade, é profundamente dialética. A dança não se limita a ser um mero reflexo da experiência humana, mas atua como um agente transformador, moldando a própria subjetividade. Ao se expressar através do movimento, o indivíduo adentra em um universo de imagens poéticas que evocam as profundezas de seu ser. Essa imersão, a longo prazo, proporciona uma oportunidade única de reconectar-se consigo mesmo, de recomeçar a vida a partir de uma perspectiva mais profunda e autêntica.

Por fim, a partir dos conceitos apresentados, vislumbramos a possibilidade de construir uma pesquisa em dança que seja significativa e transformadora. Ao investigar a corporeidade, o desencantamento e a dança como convite a conexão do ser, buscamos encontrar novos contornos para a dança com trabalhadores.

CAPÍTULO 2

A Construção da Pesquisa: Entre o sonho e a realidade.

“Quem sofre também tem que procurar, pelo menos vir a achar, razão para viver”

Tim Maia.



Ilustração: Edwiges Silva, 2024.

O presente capítulo dedica-se à apresentação da estrutura metodológica que norteou a pesquisa. Iniciamos com a contextualização do estudo e os fundamentos da Ecologia Onírica. Em seguida, detalhamos a metodologia utilizada, explicitando as escolhas procedimentais que a embasaram. Apresentamos, então, as ferramentas utilizadas para a coleta de dados, e o perfil das participantes da pesquisa. Por fim, descrevemos o processo de análise dos dados e os ajustes realizados ao longo do trabalho.

2.1. Metodologia

A investigação em curso, ao adentrar no complexo universo do "Mundo Desencantado" e seus impactos na corporeidade feminina, assume uma abordagem exploratória. A partir da pergunta norteadora sobre como o trabalho precarizado influencia a relação das mulheres com seus corpos e como a dança pode ser um lugar de ressignificação nesse contexto, o estudo busca analisar as dimensões dessa relação, a partir da experiência das trabalhadoras do IFG - Campus Aparecida de Goiânia. A natureza exploratória da pesquisa permite uma identificação dos atravessamentos das experiências das participantes com a dança possibilitando o desenvolvimento de hipóteses para futuras investigações.

O estudo adota uma abordagem qualitativa, visando compreender os significados atribuídos pelas participantes à dança e ao trabalho em um contexto marcado pela precarização. A flexibilidade da pesquisa qualitativa permite adaptar os instrumentos e procedimentos de coleta de dados às particularidades do campo de estudo, garantindo uma maior proximidade com a realidade das participantes. A natureza subjetiva da relação entre corpo, trabalho e dança torna a abordagem qualitativa a mais adequada para este estudo. Ao se concentrar na interpretação dos dados, a pesquisa qualitativa permite uma compreensão mais aprofundada dos processos subjetivos que moldam a experiência das participantes.

A pesquisa qualitativa, segundo Godoy (1995),

[...] não procura enumerar e/ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados. Parte de questões ou focos de interesses amplos, que vão se definindo à medida que o estudo se desenvolve. Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo (GODOY, 1995, p. 58).

Como aponta Minayo (2007), a pesquisa qualitativa se concentra nos fenômenos humanos construídos socialmente, como significados, crenças e valores. Ao investigar esse universo subjetivo, busca-se compreender as dinâmicas sociais e as experiências individuais.

Dentro do paradigma qualitativo, elegemos a Ecologia Onírica, como metodologia de pesquisa. A Ecologia Onírica propõe uma imersão em experiências educativas que entrelaçam a ética, a estética e a consciência ambiental. Através de práticas que estimulam a percepção do direito inato de sonhar e de experimentar a felicidade, essa abordagem busca despertar nos indivíduos uma nova relação consigo mesmos, com os outros e com o meio ambiente. Ao conectar a dimensão onírica com a realidade concreta, a Ecologia Onírica visa promover uma transformação pessoal e social, fomentando a construção de um mundo mais justo, sustentável e repleto de significado.

Nessa direção, a Ecologia Onírica é um ponto de confluência entre educação estética, educação ética e educação ambiental, por tratar de situar o homem no cosmos, de estabelecer a responsabilidade do ser sonhador e dar conta do ambiente onírico interno, cuja lógica se exterioriza em ações devaneantes. (Lima; Rodrigues, 2010)

Seguindo os preceitos da Ecologia Onírica, a pesquisa propõe uma intervenção direta no campo. Assim, foi proposto um ciclo de quinze encontros de dança¹, com duração total de quinze semanas de intervenção. Essas atividades foram propostas para um grupo de dezenove trabalhadoras terceirizadas do campus, atuantes no turno diurno. Deste número inicial, nove mulheres se comprometeram com uma participação constante, as demais possuíam frequência irregular nas atividades propostas. Tendo em vista esse cenário, para garantir a análise da evolução ao longo da intervenção, o estudo focou nos dados das nove participantes que mantiveram uma frequência regular em todas as aulas. Essa escolha permitiu uma análise mais precisa dos resultados.

A escolha por um grupo de participantes exclusivamente feminino foi estratégica, visando garantir um cenário seguro para a expressão de experiências e vivências únicas das mulheres. A presença majoritária de mulheres no grupo pesquisado e a expectativa de que o tema abordado tivesse maior ressonância nesse grupo foram fundamentais para essa decisão. Ao delimitar a pesquisa para o público feminino, buscamos contribuir para a produção de

¹ Apêndice 3. Planejamento dos encontros.

conhecimento sobre as especificidades de gênero e as desigualdades que atravessam a vida das mulheres.

Para a produção de dados, buscamos instrumentos que pudessem capturar a complexidade do fenômeno em estudo. Foram utilizados como instrumentos: grupos focais, que permitiram a construção conjunta de significados e a identificação de temas emergentes; questionários, que possibilitaram a quantificação de determinadas variáveis e a identificação de padrões; O diário de campo da pesquisadora, que registrou as observações e reflexões durante todo o processo; Por fim, a produção de colagens, que foi utilizada como uma ferramenta para explorar dimensões mais subjetivas e emocionais da experiência das participantes, complementando as informações obtidas por meio dos outros instrumentos.

A coleta de dados por meio de questionário ocorreu no período de 19 fevereiro a 1º de março de 2024, oferecendo às participantes a flexibilidade de responderem no conforto de seus lares e entregarem o instrumento na aula seguinte. Essa estratégia visou garantir maior conforto e privacidade, além de otimizar o tempo em sala de aula. O questionário, composto por onze questões fechadas², foi aplicado ao grupo de nove trabalhadoras. Contudo, apenas seis participantes retornaram o questionário devidamente preenchido. A não devolução por parte das demais participantes foi justificada pela dificuldade de leitura e escrita, evidenciando a necessidade de considerar a diversidade de níveis de letramento no planejamento de futuras pesquisas.

A coleta de dados por meio de grupo focal ocorreu no dia 1º de março de 2024, durante a quinta semana de projeto, na própria sala de dança onde os encontros eram realizados. Com a participação de nove mulheres, a dinâmica do grupo foi marcada pela informalidade e pela construção colaborativa de significados. Sentadas em roda, as participantes foram convidadas a refletir sobre suas experiências com a dança, desde a frequência com que a observam em diferentes contextos até as sensações corporais e emocionais que a prática da dança lhes proporciona. As perguntas norteadoras, elaboradas a partir de um roteiro semiestruturado³, abordaram aspectos como a participação em grupos de dança, a percepção da dança no cotidiano, as sensações corporais e emocionais durante e após a prática da dança, a rotina diária

² Apêndice 2.

³Apêndice 1.

e as responsabilidades domésticas. Essa abordagem permitiu explorar de forma mais detalhada as relações entre a dança, o corpo e a vida cotidiana das participantes.

A produção de colagens foi utilizada como uma estratégia alternativa para a coleta de dados, visando garantir a participação de todas as mulheres envolvidas na pesquisa, independentemente de seu nível de letramento. Na oitava semana do projeto, em 22 de março de 2024, todas as nove participantes foram convidadas a expressar seus desejos e sonhos por meio de colagens. Essa atividade, além de permitir a coleta de dados subjetivos e qualitativos, ofereceu um ambiente seguro para que as mulheres que não responderam ao questionário pudessem dar voz às suas experiências e perspectivas. A temática das colagens, centrada em “um sonho do passado ou do presente”, possibilitou a exploração de aspectos subjetivos e emocionais, enriquecendo significativamente a compreensão do fenômeno em estudo.

Um diário de bordo digital foi utilizado para registrar as observações e reflexões da pesquisa ao longo do processo. Nele, foram anotadas as impressões gerais da pesquisadora que atuou como professora, comentários sobre as dinâmicas dos grupos focais, as dificuldades encontradas na aplicação dos questionários e as estratégias adotadas para garantir a participação das mulheres. Fotografias das colagens produzidas pelas participantes e do ambiente onde ocorreram as atividades foram anexadas ao diário, proporcionando mais um registro da intervenção ocorrida. A análise do diário de bordo, em conjunto com os dados qualitativos coletados, permitiu identificar padrões e construir uma interpretação mais profunda dos resultados, alinhada com a perspectiva teórica da pesquisa.

Para garantir a validade e a confiabilidade dos resultados, adotamos a estratégia de triangulação (Holanda e Farias, 2020), combinando diferentes métodos de coleta de dados. Os dados obtidos nos questionários foram cruzados com os dados provenientes dos grupos focais, das colagens e do diário de campo da pesquisadora. Essa abordagem, permitiu identificar padrões e contradições nas informações, enriquecendo a compreensão da experiência das participantes. A triangulação se mostrou uma ferramenta metodológica fundamental para construir uma interpretação mais robusta e complexa do fenômeno em estudo, considerando os atravessamentos específicos da trajetória de cada participante.

A triangulação metodológica, ou seja, da utilização de uma multiplicidade de métodos para estudar um problema específico, com vistas a obter as informações mais completas e detalhadas sobre o objeto empírico. Essa triangulação admite duas abordagens diferentes: a triangulação dentro do método, donde se utilizam diferentes técnicas dentro de um mesmo método para coletar e interpretar os dados; e, a triangulação entre métodos, que combina diferentes métodos com vistas a superar as

limitações de cada um, quando tratado em separado. (Holanda; Farias, 2020, p. 1157)

Como ferramenta complementar à triangulação, a análise de conteúdo (Moraes, 1999), foi incorporada enriquecendo a compreensão do grupo investigado. Ao aplicar a análise de conteúdo aos dados provenientes das ferramentas de pesquisa, foi possível aprofundar a interpretação dos resultados obtidos pela triangulação. A identificação de temas recorrentes, categorias e padrões nos dados permitiu corroborar ou refutar as hipóteses iniciais e construir uma narrativa mais consistente sobre o objeto de estudo. Dessa forma, a combinação da triangulação com a análise de conteúdo garantiu uma maior profundidade e rigor na análise dos dados, contribuindo para a construção de um conhecimento mais sólido sobre o tema em questão.

Segundo Moraes (1999, p. 2), a Análise de Conteúdo é uma ferramenta para descrever e interpretar diversas formas de comunicação, ajudando assim “a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum”, revelando significados mais profundos e complexos, que podem ser de natureza psicológica, sociológica, política ou histórica.

A condução da pesquisa foi pautada por princípios éticos. Todas as participantes assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido, no qual foram informadas sobre os objetivos da pesquisa, os procedimentos a serem adotados, os benefícios esperados e os riscos envolvidos. Além disso, foram garantidas a confidencialidade dos dados e o anonimato das participantes, para isso, as participantes foram identificadas com nomes de flores quando mencionadas diretamente durante os resultados da pesquisa. As ferramentas metodológicas utilizadas foram cuidadosamente escolhidas para evitar qualquer tipo de constrangimento ou violação à integridade física e psicológica das mesmas.

2.2. O Desenrolar da Intervenção: Planejamento vs Prática

A intervenção proposta visou compreender como a dança, enquanto prática corporal e artística, pode atuar como um catalisador para a ressignificação da corporeidade de trabalhadoras em um contexto contemporâneo marcado pela alienação e pela desvalorização do corpo. Especificamente, buscou-se investigar as reverberações dessa prática na percepção que

essas mulheres têm de si mesmas e do mundo, bem como explorar os possíveis impactos na sua relação com o trabalho, as relações sociais e a saúde integral.

Para alcançar o objetivo geral, a intervenção seria organizada em três etapas progressivas. A primeira etapa, com duração de três encontros, buscou criar um ambiente de confiança e acolhimento, promovendo a conexão entre as participantes por meio de atividades de aproximação e integração. Na segunda etapa, com sete encontros, o foco se voltaria para a exploração da corporeidade, com atividades práticas e criativas que explorariam os fundamentos da dança, como o corpo, tempo e espaço, e seus componentes consciência corporal, improvisação e a espacialidade. A terceira e última etapa, com duração de quatro encontros, culminaria na criação e apresentação de uma performance coletiva, integrando os aprendizados e as experiências vivenciadas ao longo do processo, culminando em uma expressão artística conjunta.

Com base no planejamento inicial, a pesquisa contaria com um recurso fundamental: a espacialidade do Instituto Federal. Mais especificamente, os laboratórios de movimento do curso de Licenciatura em Dança, que proporcionaria um ambiente amplo e equipado, ideal para a realização das atividades propostas, e além disso, forneceria às participantes a oportunidade de experimentar diferentes espaços do campus, como os laboratórios de dança, artes visuais, gramados e informática, lugares que, embora fizessem parte do seu cotidiano, nunca eram utilizados para fins de lazer e bem-estar.

Além do espaço físico, a pesquisa utilizou diversos materiais, como bolas de pilates, fitas elásticas e bastões, que possibilitaram a exploração de diferentes qualidades de movimento e a construção de um repertório gestual diversificado. A utilização de trilhas sonoras próximas às trabalhadoras nas atividades, também foram pensadas como recurso para a criação de uma atmosfera que intensificasse as experiências das participantes. O cronograma inicial da intervenção previa um período de 15 semanas, com início em 26 de janeiro de 2024 e término em 01 de maio de 2024. As aulas foram planejadas para acontecer semanalmente, todas às sextas-feiras, com duração de uma hora, dentro do horário de almoço de 2 horas das participantes. Essa organização temporal visava otimizar a participação das mulheres, garantindo um espaço dedicado e regular para a prática da dança, sem interferir em suas demais atividades.

A intervenção, iniciada em 26 de janeiro de 2024, seguiu o planejamento inicial até o primeiro encontro, quando uma informação crucial veio à tona: a maioria das trabalhadoras

dispunha de apenas uma hora para o almoço, diferentemente do que havia sido informado anteriormente pela supervisora. Essa descoberta exigiu uma reestruturação do cronograma da pesquisa, uma vez que a duração dos encontros precisou ser ajustada⁴ para se adequar à disponibilidade das participantes.

Com o objetivo de garantir a participação de todas as interessadas, a estrutura da intervenção foi ajustada. A estrutura das etapas previstas até esse momento foram mantidas, porém os encontros foram reconfigurados para se adequar ao intervalo de trinta minutos disponibilizado pelas participantes. A primeira etapa, intitulada "Conexão e Socialização", ocorreu como planejada, e foi organizada didaticamente da seguinte forma: iniciávamos com uma dança livre, seguida de práticas de massagem e alongamento e, por fim, jogos criativos.

A prática da dança livre concentrava-se, sobretudo, no início das atividades, como um ritual de acolhimento. A sala era preparada com uma trilha sonora vibrante, selecionada como já dito, a partir do repertório musical das participantes, sinalizando o início da aula. Essa estratégia sonora, audível mesmo na copa das trabalhadoras, estimulava a movimentação das trabalhadoras em direção ao espaço de dança, onde, coletivamente, davam início à aula com uma breve sessão de dança livre.

As práticas de massagem, realizadas em diferentes formatos (individual, em duplas ou trios), se revelaram como um exercício estimulante para as participantes refletirem acerca de suas experiências corporais. Os registros do diário de pesquisa evidenciaram a percepção de dores comuns, como as localizadas na coluna e nas pernas, decorrentes das atividades laborais. A auto massagem dos pés, em particular, revelou-se como um exemplo de ponto de partida rico para o diálogo sobre corporeidade, à medida em que as participantes se confrontavam com seus próprios pés, muitas vezes ocultos pelas botas de trabalho, revelavam suas inseguranças acerca do membro e também as sensações agradáveis e à valorização dessa parte do corpo que a prática trazia consigo.

Os jogos criativos, propostos com o objetivo de ampliar o repertório de movimentos e estimular a improvisação, geraram reações distintas entre as participantes. No jogo da bola invisível⁵, por exemplo, as participantes demonstraram familiaridade com os movimentos

⁴ Apêndice 4. Planejamento remanejado.

⁵ O Jogo da Bola Invisível é uma atividade em roda onde as participantes simulam o ato de jogar uma bola uma para a outra. A bola, sendo imaginária, pode assumir qualquer forma, tamanho e peso que a

aprendidos, mas mostraram-se mais resistentes à improvisação. Já no jogo do "preenchimento do espaço"⁶, observou-se uma maior disposição para experimentar e explorar novas possibilidades, com as participantes realizando movimentos desafiadores e diferentes de suas movimentações usuais.

Apesar do grande interesse demonstrado pelas atividades, fato evidenciado nos resultados dos grupos focais, a frequência das participantes apresentou algumas dificuldades. Houve atrasos e faltas, o que exigiu o reagendamento dos encontros em algumas semanas para acomodar a disponibilidade de todas. Mesmo assim, mantivemos a frequência semanal, ajustando os dias para garantir a participação do maior número possível de mulheres.

Diante da limitação de tempo, a segunda etapa, inicialmente planejada como laboratórios criativos com foco em elementos específicos da dança, precisou ser adaptada. Considerando os objetivos da pesquisa e a importância de proporcionar experiências leves, optou-se por manter as práticas de massagem, alongamentos, dança livre e jogos, que já haviam se mostrado eficazes na primeira etapa. Assim, os laboratórios focados em técnicas específicas foram removidos do planejamento, bem como a possibilidade de uma construção coreográfica. Essa decisão permitiu manter os objetivos da pesquisa, mesmo com a redução do tempo disponível.

Todavia, ainda dentro da segunda etapa, a pesquisa enfrentou um desafio inesperado: a greve dos servidores das redes federais de ensino, iniciada na instituição pesquisada no dia três de abril de dois mil e vinte quatro. A interrupção das atividades acadêmicas resultou no encerramento precoce da intervenção, quatro semanas antes do previsto, visto que, apesar de as trabalhadoras continuarem atuando no Campus, não aderiram a greve por serem terceirizadas, o espaço foi restrito pelo comitê de greve e as aulas não puderam continuar. Além disso, as complexas rotinas das trabalhadoras - tanto pesquisadas, quanto pesquisadoras - dificultaram a reorganização dos encontros em outro local. A paralisação de três meses causou um impacto significativo na pesquisa, exigindo a realização de um grupo focal para tentar perceber as reverberações tanto da prática em si como da pausa/ausência na experiência das trabalhadoras.

⁶ O jogo do preenchimento do espaço consiste em: Cada participante recebe um número, quando a primeira é chamada pelo seu número ela deve se posicionar no espaço, a segunda chamada deve se posicionar preenchendo os espaços produzidos pela pose da primeira, e assim sucessivamente, como um quebra cabeça humano.

2.3. As Vozes das Participantes: Um Olhar sobre o Grupo

Neste tópico, vamos conhecer um pouco mais sobre as mulheres que participaram desta pesquisa. Elas são as protagonistas dessa história, e suas experiências e perspectivas foram fundamentais para a construção dos resultados. Cada uma das participantes trouxe consigo uma história de vida singular, marcada por experiências e desafios que moldaram suas perspectivas e visões de mundo. Apesar de suas individualidades, as mulheres que participaram desta pesquisa compartilham de um ponto em comum: o trabalho de cuidado e manutenção terceirizado dentro do Instituto Federal de Goiás - Campus Aparecida de Goiânia.

Para entender melhor o contexto de vida das participantes, é importante conhecer suas rotinas diárias. O dia a dia dessas mulheres que têm em média 46 anos - tendo uma amplitude de 39 a 51 anos - é um ciclo que se repete. A jornada se inicia junto com os primeiros raios da manhã, no caminho para o trabalho no Instituto Federal de Goiás, feito a pé ou de bicicleta pelas trabalhadoras, tendo uma média pequena de 1,7 km de distância. O turno no IFG se inicia às 6hrs, e se prolonga por um período de 10 horas, com uma pausa de 1 hora para almoço, se encerrando assim, às 16hrs.

As funções desempenhadas pelas mulheres são variadas e essenciais para o bom funcionamento do instituto. Algumas dedicam-se à limpeza e conservação dos prédios, cuidando da higiene de salas, móveis e equipamentos. Outras são responsáveis pela copa dos demais funcionários, preparando refeições e mantendo o ambiente organizado. Há ainda aquelas que cuidam dos jardins, realizando tarefas como jardinagem, poda e limpeza.

Após o término do expediente, inicia-se uma segunda jornada para todas elas. Dedicam-se aos afazeres domésticos, como buscar os filhos na escola, limpeza, preparo de refeições, e cuidados diversos com seus núcleos familiares. A rotina se estende até em média 21hrs, podendo variar a depender das responsabilidades de cada dia. É no final desse segundo “expediente” que encontram um breve momento de lazer, assistindo a novelas ou utilizando o celular, antes de se prepararem para o dia seguinte.

Todas as participantes do grupo analisado relataram ser migrantes de outros estados, bem como todas são casadas e remuneradas com um salário mínimo pela função que exercem dentro do campus. E, apesar de possuírem homogeneidade nessas áreas, possuem diferentes níveis de vulnerabilidade socioeconômica, fator relacionado a outros aspectos individuais,

como a escolaridade, considerando que mais da metade das participantes não possuem o ensino fundamental completo

Outra característica marcante, das trabalhadoras é o acesso ao lazer, uma vez que, nos finais de semana e/ou feriados, o ciclo da rotina se rompe, e as participantes relatam dedicar tempo a atividades sociais, como ir à igreja, se reunir com familiares e, ocasionalmente, participar de festas com os amigos. São nesses momentos que a dança se faz presente para a maioria dessas mulheres.

A paixão pela dança, presente em muitas das participantes, foi um atrativo inicial para a participação no projeto de intervenção. Mas a adesão das mulheres ao projeto pode ser atribuída a diversos fatores interligados. A proximidade estabelecida com a pesquisadora, que já as conhecia por ser aluna da instituição há anos, contribuiu para criar um ambiente de confiança e segurança. Além disso, a expectativa de vivenciar uma experiência nova e divertida, especialmente direcionada para mulheres pertencentes ao seu grupo, motivou significativamente a participação. A amizade entre as participantes, fortalecida durante o projeto, também desempenhou um papel fundamental na manutenção do engajamento.

Ao conhecermos um pouco mais sobre o perfil das participantes, podemos construir um retrato mais completo e humano das mulheres que fizeram parte desta pesquisa. As histórias, trocas, colaborações e experiências das participantes enriqueceram significativamente os resultados, contribuindo para uma compreensão mais profunda do tema em estudo.



Figura 01. Colagem – Alongamento. Hauany Aquino. Acervo Pessoal. 2024.

Capítulo 3

Dançando os Sonhos: Um Desfecho em Movimento

Tenha um sonho todo azul, azul da cor do mar

Tim Maia



Ilustração: Edwiges Silva. 2024.

O presente capítulo tem como objetivo apresentar e discutir os resultados da pesquisa, os quais emergiram da intervenção realizada no Instituto Federal de Goiás – Campus Aparecida de Goiânia, com as trabalhadoras terceirizadas do setor de manutenção e limpeza. A análise dos dados coletados permitiu compreender como a prática da dança se configura como uma possibilidade de ressignificação da corporeidade e lazer para essas mulheres.

A partir da metodologia de investigação proposta, surgiram categorias de análise cruciais para a compreensão da experiência das participantes. A categoria "*A experiência da dança vs a Experiência do trabalho*" revelou as nuances sobre como as mulheres percebem e se relacionam com seus corpos em função do trabalho e em função da dança. A categoria "*O Desencantamento de seus sonhos*" permitiu a discussão sobre como a rotina e as demandas do trabalho impactaram e impactam os projetos de vida dessas trabalhadoras. Por fim, a categoria "*As reverberações*" evidenciou as repercussões da experiência da intervenção em dança nas esferas da vida das participantes. Vale ressaltar que as categorias só foram idealizadas após a análise dos dados produzidos.

3.1. A experiência da dança Vs A experiência do trabalho

A categoria “A experiência da dança vs A experiência do trabalho” foi escolhida como ponto de partida por sua relevância na resposta à nossa pergunta de pesquisa, e por sua forte presença nos dados coletados. Buscamos a partir dela, explorar as sensações, emoções e significados atribuídos pelas participantes tanto no contexto laboral, como no contexto da dança. Levando em consideração a mudança dos significados do olhar atribuído pelo molde das relações sociais e culturais.

Nesse sentido, iniciamos nossa análise a partir do olhar que essas mulheres têm sobre seus corpos que dançam. O grupo, como caracterizado anteriormente, foi composto por mulheres com alguma experiência em dança, que demonstravam prazer com essa prática. Ao serem questionadas sobre a dança, as participantes destacaram:

Orquídea: Quando a gente dança o corpo fica assim leve, bom demais, **distrai o corpo e a cabeça.**

Cravo: Fica leve, né?

Hortênsia: Quando eu dançava **eu me sentia tão bem.** **Margarida:** A gente **esquece os problemas** dançando.

Nesse contexto, a dança foi apresentada pelas participantes como uma companheira familiar, uma prática conhecida de suas vidas. Ao responderem ao questionário, elas mencionaram experiências eventuais com a dança em diversos contextos, como templos religiosos, festas populares, ambiente familiar, e até mesmo no ambiente de trabalho, devido a presença de um curso de graduação em dança e de um grupo de dança contemporânea ativo ⁴no campus em que atuam.

A colagem de Rosa Vermelha, apresentada na Figura 1, materializa seus sonhos de infância e os desejos que a acompanham até os dias atuais. Embora a imagem retrate a dança do ventre, estética a qual a participante ainda não acessou, a ela a utiliza como um símbolo de uma experiência em dança marcante, desejosa e positiva. A presença da dança e da música na colagem, em conjunto com elementos da natureza, a partir de nossa interpretação, revela um desejo de viver uma vida mais conectada consigo mesma e com o mundo ao redor.



Figura 2. Colagem produzida pela participante Rosa Vermelha. Acervo Pessoal. 2024.

⁴ Corpo Composto é um projeto de pesquisa em dança contemporânea para os adolescentes estudantes do ensino médio integrado, do IFG. O grupo atua desde 2017 na instituição e é coordenado pela professora me. Giovana Consorte.

Ainda de acordo com o questionário realizado, das nove participantes consideradas para esta pesquisa, com exceção apenas de uma participante com restrições religiosas, todas as demais possuíam uma longa trajetória com danças populares, como quadrilhas, forró e lambada. Ou seja, a Dança se faz linguagem presente em suas celebrações familiares, encontros com amigos/amigas e até mesmo em momentos de lazer com as colegas de trabalho

Essa conexão inicialmente identificada, contribuiu para que os encontros apesar de curtos tivessem um bom rendimento. Pois a partir de suas experiências se abriam com mais facilidade para o novo ali proposto. Todavia, essa relação próxima a dança, não impediram que frases como “Eu **gosto muito de dançar**, eu gosto de tudo, sabe? **Eu só não sei**, mas eu faço” (Rosa Vermelha. Grupo Focal. Acervo Pessoal. 2024), e relatos como o abaixo acontecessem:

Realizamos o jogo da bola invisível, onde as trabalhadoras precisavam usar a imaginação para imaginar uma bola que é jogada em círculo uma para a outra, e chega de tamanhos e pesos diferentes em cada uma, dentro de seus repertórios de movimento **as trabalhadoras tentaram experimentar o jogo** criativamente, porém tiveram **dificuldades de explorar** os caminhos possíveis, aparentemente desacreditadas das **habilidades que elas já possuem** e **sentem receio de usar** por constrangimento ou qualquer outro motivo. (Hauany, Diário de Bordo. Acervo Pessoal. 2024).

Sendo assim, embora as participantes demonstrem uma proximidade com a dança, nossos dados indicam uma ausência de reflexividade sobre a experiência corporal durante a prática. A dança, embora valorizada como um momento de bem-estar, não parece ter se constituído como uma possibilidade para a exploração e a conscientização do corpo na vida dessas mulheres. A rotina laboral e as demandas do cotidiano, que distanciam as mulheres de seus corpos, parecem limitar a possibilidade de uma experiência corporal emancipadora, de modo que, apesar de suas experiências, sentem medo e desconfiam de seus corpos dançantes.

O que nos faz adentrar na segunda percepção de corpo dessas mulheres, o corpo que trabalha. Sendo elas:

Cravo: Sinto as **pernas pesadas, estresse**. No final do dia estamos cansadas.

Margarida: A gente chega seis horas da manhã aqui, quando chego em casa to cansada, cansada...

Rosa Vermelha: E ainda tem que continuar, eu não tenho nem jeito de parar, lá em casa é só eu de mulher, tem quatro homens e uma criança. **Eu nem ligo mais pra dor, chego quente já contínuo.**

Margarida: Lá em casa eu tenho três, e uma filha, mas ela não faz nada. **Eu me sinto cansada, com meu psicológico abalado.**
(Registro de Grupo Focal I. Acervo Pessoal. 2024.)

Além da sobrecarga citada nos trechos do grupo focal acima, notamos a partir dos dados que a dor emerge como uma experiência cotidiana para as participantes, intrinsecamente ligada ao trabalho. A pesquisa por questionário revelou que a maioria das mulheres sofre ou sofreu algum tipo de dano à saúde em decorrência de suas atividades laborais. A prática da massagem mútua, durante a primeira sessão, permitiu que as participantes compartilhassem suas dores e tensões, evidenciando a existência de um estado corporal comum. Como registrado no diário de bordo: “foram divididas em duplas, onde uma realizava massagem na outra e vice-versa, nesse momento, muitas apontaram suas tensões, seus cansaços, e se impressionaram por dividirem muitas dores semelhantes como colunas e joelhos”. A fala de Rosa Vermelha, “Por que nós trabalhamos na limpeza, é um ‘abaixa dói’, um ‘levanta dói’, a idade chega...”, ilustra como a dor se tornou parte da rotina dessas mulheres, naturalizando um sofrimento que deveria ser combatido.

Essas experiências corporais citadas pelas mulheres relacionadas ao trabalho, quando analisadas sob a lente da perspectiva marxista da alienação, nos permitem identificar a materialização das relações de produção e exploração nas vivências subjetivas. Submetidas a jornadas longas e exaustivas, com tarefas repetitivas que pouco contribuem para sua realização pessoal, as trabalhadoras experimentam um distanciamento do próprio corpo, vivenciando cansaço e o esgotamento físico e mental. Essa condição as afasta de suas potencialidades criativas promovendo uma desconexão consigo mesma e com o mundo ao seu redor.

Além disso, as falas das participantes nos levam a observar ainda a complexidade de suas experiências femininas. Classificadas como atuantes dos setores da Economia do Cuidado, tem como traço marcante a dupla jornada, evidenciando a sobrecarga das mulheres, que além do trabalho formal, assumem a total responsabilidade pelos afazeres domésticos de suas casas o que as classifica como atuantes dos setores da Economia do Cuidado.

Vale ressaltar, que segundo a Organização Internacional do Trabalho, em uma pesquisa acerca das relações de cuidado, dilemas e desafios que atravessam tais setores, a Economia do Cuidado é majoritariamente mantida por mulheres (OIT, 2018). Estimando-se que em uma escala global, a força de trabalho no cuidado inclui cerca de 381 milhões de pessoas – sendo 249 milhões de mulheres e 132 milhões de homens (2021, pág 29). Ou seja, o papel de cuidado realizado pelas participantes – remunerado e não remunerado – é assumido principalmente pelas mulheres na maioria das sociedades mundiais.

Um relatório global da OIT confirmou que em nenhum país os homens e as mulheres contribuem com esforços iguais de cuidado. E quando se trata de cuidado não-remunerado, estima-se que, na média, as mulheres forneçam 76,2% do total desse trabalho (OIT, 2021, p.28).

Podemos afirmar ainda que, esse dado expressivo aparente em nossa pesquisa, acerca da concentração do trabalho de cuidado nas mãos das mulheres é resultado de uma construção social histórica que atribui às mulheres o papel de cuidadoras. Essa divisão sexual do trabalho tem sido reforçada por normas culturais, sociais e econômicas que limitam as oportunidades das mulheres no mercado de trabalho e as confinam ao âmbito doméstico, sendo também muitas vezes um dos motivos que as afastam das oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional, perpetuando assim, a subordinação feminina.

Além disso, essa sobrecarga impacta diretamente os sonhos femininos, limitando perspectivas e desencorajando a busca por objetivos mais ambiciosos. A invisibilização e desvalorização do trabalho de cuidado geram esgotamento, frustração e minam a autoestima, levando muitas a abandonarem seus sonhos. A partir dos relatos das participantes da pesquisa, percebemos como essa realidade é vivenciada em seus corpos, restringindo suas possibilidades. A análise dos dados revela que a categoria em questão se consolida ao longo das entrevistas. Expressões como 'me sinto muito bem' e 'me sinto muito cansada' atuam como marcadores de intensidade, evidenciando a importância da dimensão emocional-afetiva na construção da experiência pelas participantes. Esses enunciados, ao serem repetidos em diferentes contextos, reforçam a centralidade dessa dimensão na nossa análise.

A dicotomia presente nos relatos, entre o trabalho, percebido como fonte de sobrecarga e sofrimento, e a dança, vista como uma possibilidade de expansão e bem-estar, corrobora os pressupostos iniciais da pesquisa. A dança, como arte, oferece a possibilidade de transcender as limitações impostas pelo trabalho, enquanto este, no contexto da sociedade atual, é frequentemente associado à exploração e à alienação.

Todavia, a análise dos dados revela a necessidade de uma abordagem integral acerca do olhar dessas trabalhadoras sobre seus corpos, uma vez que, a dicotomia entre esses dois aspectos, embora presente nos relatos, não é absoluta. Os “momentos de massagem” demonstram que a experiência corporal é complexa e multifacetada, sendo influenciada por diversos fatores, incluindo o modo de se ver no trabalho e nas práticas de dança. Um exemplo disso, é o relato sobre os “momentos de massagem” registrado no Diário de Bordo da pesquisa:

O segundo encontro começou com uma **automassagem nos pés**, em paralelo a isso, conversamos brevemente por iniciativa delas como o autocuidado fazia a diferença na rotina, muitas das trabalhadoras demonstraram animação e surpresa ao identificarem seus metatarsos, a sensibilidade presente nos arcos dos pés, a tensão ou falta dela presentes na musculatura do membro. Nesse momento, **o uso da bota de trabalho foi mencionado, como os pés ficavam cansados e quentes dentro delas, como não gostavam de tocar seus pés por imaginarem ter mal cheiro devido ao suor e uso de meias por um longo período de tempo.** No fim, todas se surpreenderam com seus próprios pés, que estavam limpos, cheirando bem, alguns com unhas pintadas, outros com uma musculatura relaxada, conseguiram relevar as poucas sujeirinhas que surgiram. O momento que tinha uma intenção apenas de aquecimento, **revelou-se na prática como uma potência que se estende para além do encontro com promessas de “farei isso quando estiver cansada”.** Após a massagem, andamos pelo espaço, inicialmente devagar sentindo o chão e as sensações de como os pés agora massageados se esparramavam no caminhar [...]. (Trecho pertencente ao diário de bordo da pesquisadora. Acervo Pessoal. 2024).

Apesar da dança oferecer uma possibilidade para a conexão com o corpo, e as mulheres do grupo afirmarem se identificar com essa proposta, demonstraram dificuldades em se apropriar de sua corporeidade durante o processo da pesquisa. Os momentos de massagem revelaram uma tensão entre o desejo de relaxamento e o distanciamento do próprio corpo. O olhar que se recai sobre ele é o de nojo, quase aversão de seu estado enquanto corpo trabalhador.

O estado corpo-trabalho, como nos mostra Rodrigues (2008), é marcado por uma profunda alienação. O corpo, transformado em mero instrumento de produção, distancia-se da subjetividade de quem o habita. A dança, ao propor uma reconexão com o corpo, revela que: o mesmo pé que dança é o que carrega o peso do trabalho. A desconexão gerada pelo trabalho impede que as trabalhadoras vivenciem plenamente suas experiências corporais, como dito no exemplo citado, muitas vezes enojando-se de si mesmas tanto dentro quanto fora do ambiente de trabalho.

Ademais, quando realizamos a comparação entre as experiências na dança e no trabalho notamos um padrão interessante: As respostas curtas e sucintas acerca de suas sensações nos dois contextos. Atribuímos essa dificuldade de elaboração ao distanciamento do próprio corpo, que se inicia para realizar as tarefas de sobrecarga, e se estende para a elaboração da experiência na dança, onde mesmo a atenção ao corpo e às sensações sendo fundamental, a expressão acerca de suas autopercepções ainda é complexa.



Figura 3. Massagem nos pés. Acervo Pessoal. 2024.

Concluimos assim, acerca desta categoria que a experiência das trabalhadoras com a dança dentro da intervenção, foi marcada por uma espontaneidade guiada, ou seja, um ambiente que propunha o novo a partir de um universo estético próprio - saudando as memórias delas, as músicas delas, e as danças delas para falar de coisas novas - onde o prazer e a contemplação foram os principais objetivos. Essa experiência permitiu que as participantes experimentassem a dança como um ato criativo e libertador. No entanto, devido ao contexto social e laboral em que estão inseridas, essa experiência ainda foi limitada. Apesar da potência e da resistência presentes nesse grupo, o acesso a uma variedade maior de repertórios e a práticas de dança mais aprofundadas e por um período de tempo maior poderia potencializar ainda mais a emancipação e o bem-estar das participantes.

Rodrigues (2008), afirma que a imaginação é uma força fundamental na vida humana, e a dança se configura como uma alternativa privilegiada para a expressão dessa potência criativa. A experiência da dança guiada para os fins de encantamento, permite que as participantes se conectem com seus desejos e construam ainda mais sentidos e significados para suas vidas, para além dos condicionamentos capitalistas. A dança, assim como o amor, a paixão e a alegria, representa um ato de resistência e afirmação da vida, desafia as imposições da sociedade de consumo e dá voz e movimento às trabalhadoras.

3.2. O Desencantamento do Sonho.

A categoria “ O Desencantamento do Sonho” nos permitiu investigar como a rotina e as experiências de trabalho moldam os sonhos, as expectativas futuras e a pulsão de vida das participantes. A análise detalhada das colagens e falas revelou um quadro complexo, no qual as aspirações iniciais parecem ter sido, em muitos casos, frustradas, adiadas ou mesmo substituídas por necessidades de subsistência. Essa categoria nos possibilita compreender como o cotidiano laboral influencia na percepção de mundo e vida dessas mulheres, e como segundo Marx, o trabalho alienado reduz o ser humano à sua condição de animalidade: comer, beber e procriar, e apesar disto, o humano resiste e luta para realizar suas potencialidades

No estudo da categoria anterior vimos que a sobrecarga na jornada feminina de trabalho é um marco da nossa amostra de pesquisa, a partir desse dado identificamos que as participantes, assim como muitas mulheres ao redor do mundo, vivenciam uma jornada dupla, conciliando as demandas do trabalho remunerado com as responsabilidades domésticas e de cuidado, o que impacta significativamente suas vidas, e inclusive seus sonhos e perspectivas.

Analisando as colagens, identificamos dois tipos de sonhos nas narrativas das mulheres: aqueles ligados à subsistência e às necessidades básicas, e aqueles que transcenderam o trabalho e se direcionam para o lazer e a realização pessoal; Vale ressaltar que a proposição da colagem foi “Faça uma colagem sobre um sonho de infância e/ou um sonho atual” Essas subcategorias nos permitiram compreender como os sonhos das mulheres são moldados pelas suas experiências de vida e pelas condições sociais em que estão inseridas.

Dentro da primeira subcategoria destacamos as seguintes colagens:



Figura 4. Colagem de Margarida. Acervo Pessoal. 2024.

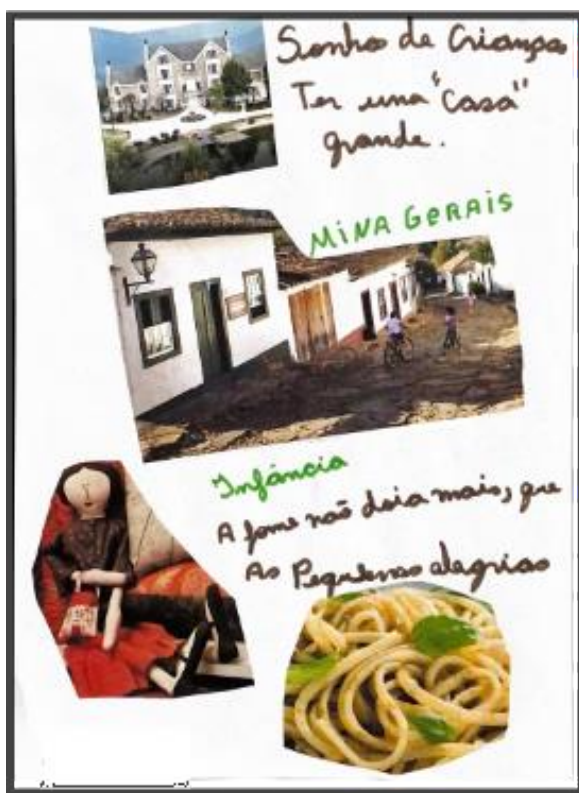


Figura 5. Colagem de Tulipa.2024.



Figura 6. Colagem de Cravo. Acervo Pessoal. 2024.

Ao representar visualmente seus sonhos de infância e atuais, as três participantes citadas, destacaram de forma impactante a busca por alimentação e moradia. Essa realidade cruel, em que a sobrevivência se sobrepõe aos sonhos, reflete as condições de vida de muitos trabalhadores, especialmente as mulheres. A privação das necessidades básicas desde a infância limita a capacidade de sonhar e de construir projetos de vida mais abrangentes, revelando as profundas desigualdades sociais e as consequências do sistema capitalista

Essa realidade, que contrasta com a ideia romantizada de infância, demonstra o impacto da precarização do trabalho por gerações. O alheamento do corpo molda as expectativas das mulheres, transformando-as em meras engrenagens de uma máquina produtiva, e assim, limitando suas possibilidades de sonhar. Resultando, por fim, na falta de condições para questionar o sistema, somada às diversas formas de opressão, que as tornam vulneráveis e lhes concede apenas uma posição de subalternidade.

“No encontro de hoje, sentamos para fazer colagens. Conversamos muito a partir do desejo delas, sobre os **acontecimentos da infância**. Algumas delas destacaram os desafios enfrentados **como a fome, desafio esse que elas citam com tristeza e se orgulham em dizer que o trabalho as tirou dessa realidade**, e às possibilitou a alimentação.” (Diário de Bordo 15/03. Acervo Pessoal. 2024).

Dentro do relato citado sobre esse encontro, podemos ainda observar uma segunda camada acerca do desencantamento dessas trabalhadoras, um processo de internalização da culpa, no qual as dificuldades enfrentadas são atribuídas a fatores individuais e não às estruturas sociais, ou seja, inocentam o sistema de sua responsabilidade, e direcionam um olhar para o trabalho como uma fonte de sustento, um meio de garantir a sobrevivência. Essa ambivalência, comum em relações trabalhistas, revela a complexidade do trabalho, onde a gratidão pela oportunidade de prover para si e para suas famílias coexiste com a consciência das condições precárias e de exploração.

Identifica-se ainda que, mesmo que atualmente consigam suprir as necessidades básicas citadas, as mulheres enfrentam desafios para sonhar e construir projetos de vida mais ambiciosos. A interrupção precoce dos sonhos na infância, combinada com a intensa jornada de trabalho e as responsabilidades domésticas, limitam a capacidade, o tempo e o espaço para a imaginação e a criatividade. A fala de Rosa Vermelha, 'eu não tenho nem jeito de parar', evidencia a exaustão física e emocional que impede a construção de projetos pessoais. A rotina descrita por Girassol, “chego em casa, cuido das vasilhas, vou tomar banho, cuidar da minha

filha, e aí é a hora que eu assisto tv e mexo no celular” marcada pela repetição de tarefas domésticas e pelo consumo passivo de conteúdos, ilustra como o trabalho e as responsabilidades familiares ocupam a maior parte do tempo, deixando pouco espaço para sequer o planejamento de sonhos e desejos, quando mais de suas realizações.

“(...) ao recortar imagens de mães com filhos, as mulheres se inspiraram para mostrar fotos de suas famílias, uma delas, **orgulhosa da formatura de seu filho no ensino médio**” (Diário de Bordo. Acervo Pessoal. 2024).

Sendo assim, analisamos ainda que os relatos das participantes evidenciam uma dinâmica intergeracional na construção dos sonhos. A impossibilidade de realizar seus próprios desejos, muitas vezes devido às condições socioeconômicas adversas, leva as mulheres a projetar suas aspirações nos filhos. A trabalhadora migrante que celebrou a formatura do filho, e não possui escolaridade completa, exemplifica essa tendência. A geração anterior a ela buscou melhores condições de vida em outro lugar, enquanto ela, por sua vez, investiu na educação do filho. Essa cadeia de sonhos interrompidos e projetados nas próximas gerações revela a complexidade das relações familiares e as desigualdades sociais.

Todavia, os sonhos e desejos para si e para a autorrealização não deixaram de aparecer na dinâmica, revelando que embora o grupo seja caracterizado por uma fragilidade social, ainda segue resistindo a partir de seus sonhos.



Figura 7. Colagem Hortência. 2024.



Figura 8. Colagem de Lavanda.2024,

[TEXTO TRANSCRITO: Sempre tive o sonho de casar e ter meus filhos, trabalhar, ter meu dinheiro, gosto de plantas. Alguns sonhos conquistei, falta alguns, mas tudo está no controle das mãos de Deus].



Figura 9. Colagem de Jasmim. 2024

[TEXTO TRANSCRITO: Amava ver os aviões a voar no céu. Sempre sonhei em possuir um, vou conseguir comprar graças a Deus. Amava andar de bicicleta ao ar livre, todos os dias, o dia todo].

Esse segundo bloco de colagens, mesmo quando expressam desejos materiais, revelam uma rica gama de aspirações e desejos que vão além da mera sobrevivência. A importância atribuída ao contato com animais, à natureza e ao lazer demonstra a capacidade das mulheres de sonhar e de imaginar um futuro diferente. A menção à vontade de ter cachorros e de andar de bicicleta, por exemplo, evoca memórias afetivas e revela a importância do lúdico e do prazer na vida. Essa capacidade de sonhar e de criar, mesmo em condições adversas, é fundamental para a construção de uma vida mais plena e significativa, mas muitas vezes só pode ser acessada a partir do estímulo.

Como por exemplo, dentro das imagens, observamos a escolha de classificar a compra de um computador, pela participante Jasmim, presente na figura 8. Essa escolha transcende a função utilitária do objeto e adquire um significado simbólico de autonomia. Ao analisarmos a construção da narrativa da participação interpretamos que o computador pode vir a surgir no desejo de busca por conhecimento e acesso a informações e possibilidades, como não só ver, mas andar nos aviões da infância. O acesso à informação e à educação, proporcionado pelo computador, representa nesse sentido um passo importante para sua emancipação pessoal.

Rodrigues (2008) enfatiza que o ser humano nunca deixa de sonhar seu mundo, todavia, quando se dá conta de que está sonhando, desvaloriza o seu sonho, considerando-o improdutivo e uma perda de tempo. A maioria das participantes demonstrou precisar de algo material para fundamentar suas expectativas para a vida e torná-las mais “produtivas” subconscientemente, no entanto colagens como a figura 7, feita por Hortênsia, nos mostra que os sonhos firmados na sensibilidade pela vida, resistem.

Hortênsia, apesar de sua idade já avançada dentro do grupo e de suas dificuldades com a leitura, colocou-se como evidência em diversos encontros, como enfatizado pelas anotações do Diário de bordo: “hoje, hortênsia pediu novamente para colocarmos uma música de lambada, para que dançasse para nós” (12/02), seus pedidos em aula, para nós foram uma observação de resistência e afirmação de vida, desafiando estereótipos e as limitações impostas socialmente sobre ela. A colagem de Hortênsia, foi a única focada inteiramente na sensação de amor e prazer, o afeto por cachorros como principal sonho, nos levou a identificar um desejo por simplicidade e amorosidade.

Por fim, concluímos dentro desta categoria que as colagens nos levaram a construção de identificação de como os sonhos das mulheres são moldados pela realidade em que vivem. Em um contexto marcado por dificuldades e desafios, os sonhos se transformam em desejos práticos, voltados para a sobrevivência. E que essa realidade, consegue receber outros

contornos quando estimulada sua expressão a partir de caminhos de imaginação e criatividade. Sendo assim, a intervenção proporcionou às trabalhadoras um espaço seguro para acessar e compartilhar suas sensibilidades. Esse ato de partilhar, muitas vezes negligenciado, revelou-se fundamental para o aprofundamento das conexões interpessoais e para a construção de um sentido para a atividade. A imaginação, a criatividade e a sensibilidade, inerentes a cada uma, foram valorizadas e estimuladas, revelando um potencial muitas vezes adormecido.

3.3. Reverberações



Figura 10. PAR. Acervo Pessoal. 2024.

Neste tópico, nosso objetivo é aprofundar a compreensão de como a participação na intervenção reverberou na experiência das trabalhadoras. Desejamos analisar se o tempo dedicado às atividades e a construção de um espaço de diálogo foram suficientes para gerar mudanças individuais e fortalecer os laços entre as participantes.

Ao analisarmos os dados, percebemos que a intervenção proporcionou experiências únicas e individuais a cada participante, moldadas por seus contextos e histórias de vida. Embora tenhamos identificado alguns pontos em comum nas narrativas, as respostas foram marcadas por uma diversidade de significados construídos por cada uma.

Para ilustrar os resultados da pesquisa, apresentamos a seguir trechos dos depoimentos das participantes. Os fragmentos em **negrito** foram selecionados por sua relevância para a compreensão das experiências vividas e dos significados construídos durante a intervenção.

Participante	Fala	Reverberação
Tulipa	- Com certeza, eu nunca vi a Cravo dançando. Foi bom, a Orquídea também é uma forma da gente conhecer com mais intimidade. Como você e a Margarida falou, da massagem, o toque, o tocar uma a outra, é muito importante. Tem gente que a forma de amar é o toque, então acho importante.	- Intimidade com o toque. - Coletividade
Margarida	- Eu gostei de ter reunido todo mundo junto, nós nos divertimos. Passava o tempo rapidinho, nossa muito bom. Foi diferente da minha experiência, eu danço muito forró e lambada. Eu faria de novo.	- Coletividade - Experimentação
Cravo	- Eu gostei, foi bom. Por estar entre amigos, se eu tivesse em outro lugar eu não teria ido. Na minha cabeça, eu gosto de ver as pessoas dançar, eu acho tão interessante, eu acho bonito mesmo, ficar olhando “será que eu conseguiria fazer isso?” mas eu acho que todo mundo, todo ser humano é capaz né? Se fosse pra ter aula, eu conseguiria!	- Perspectiva de uma dança possível.
Rosa Vermelha	- Se tivesse na greve, teria sido melhor. Por que nossa, eu pego uma bola dessas, lá em casa quando dá dores assim, de exercício né? Sabe, aquela bolinha que passou aquele dia! Nossa que delícia! Eu comprei uma bola daquela, porque é muito bom!	- Autonomia para se cuidar a partir do movimento.
Girassol	- Foi muito bom, eu me sentia bem , toda vez que eu vinha eu me sentia bem.	- Sensação de bem-estar

Orquídea	- Movimentar faz bem pro corpo, até esse pouquinho que a gente movimentou aqui, já mudou.	- Sensação de bem-estar e de mudança.
Hortênsi a Jasmim Lavanda	Não compareceram ao último grupo focal.	Sem dados registrados.

Quadro 1. Falas relacionadas às reverberações da intervenção. Acervo Pessoal. 2024.

Diante da diversidade dos resultados, consideramos relevante analisar cada caso individualmente. Afinal, o significado atribuído por cada mulher à experiência é fundamental para compreendermos como a intervenção atravessou cada realidade e também como esses resultados nos ajudam a construir atividades futuras que visem democratizar a dança e incluir o público trabalhador.

Em primeiro lugar, temos o toque emergindo como um elemento significativo na experiência de Tulipa. A participante destacou que o toque somado a oportunidade de ver as parceiras de trabalho dançando foram uma brecha para o desenvolvimento de intimidade entre elas. Sendo assim, observamos como as práticas de movimento guiadas a partir do toque, realizadas em um ambiente seguro e acolhedor, permitiram que as participantes desenvolvessem uma maior sensibilidade ao toque próprio e ao toque do outro, fortalecendo os laços afetivos entre as integrantes do grupo.

O relato de Tulipa, soma-se ao de Margarida que também destaca os benefícios da intervenção para a intimidade do grupo, e de como essa intimidade contribui para a diversão e construção de bons momentos. As duas falas convergem ao destacar a importância da construção de um ambiente de intimidade e confiança durante a intervenção. Essa dinâmica, além de proporcionar momentos de prazer, contrapõe-se à lógica individualista do capitalismo, que prioriza os interesses individuais em detrimento do coletivo.

Nesse sentido, pautadas pelas respostas das participantes, podemos considerar que as atividades da dança se revelam como uma possibilidade privilegiado para a construção de vínculos profundos e duradouros, promovendo o cuidado mútuo com sensibilidade ao toque e a experiência da outra. É possível, nos estendermos ainda, considerar que esse afeto coletivo, a longo prazo, pode vir a gerar resistência às relações de poder desiguais. Fortalecendo os

laços entre as participantes, e facilitando a construção de uma consciência coletiva menos vulnerável às explorações do trabalho.

Já o depoimento de Cravo revela uma transformação significativa em sua percepção sobre a dança. Com restrições religiosas e pouca experiência com a prática, Cravo inicialmente se limitava à contemplação. No entanto, motivada pela amizade com a pesquisadora e pelas demais participantes, decidiu experimentar a dança nos encontros. Ao final da intervenção, Cravo concluiu que a dança é uma prática acessível a todos e todas, inclusive a ela, independentemente de suas experiências prévias. O que nos faz retomar a fala de Maria Fux:

A expressão e a criação no nível do corpo são próprias do ser humano, qualquer que seja seu estágio cultural ou qualquer que seja sua condição física. A necessidade de mover-se é parte da pessoa e quanto mais seja ajudada a expressar-se, mais benefícios obterá para o resto de suas atividades em sua vida privada ou social (Fux, 1983, p. 97).

Esse resultado evidencia, mais uma vez, o poder transformador da dança na vida de mulheres trabalhadoras. Mesmo diante de limitações de tempo e outros desafios, a dança se mostrou capaz de promover mudanças significativas em suas perspectivas, demonstrando a relevância de investir em iniciativas que valorizem a cultura e o corpo como ferramentas de emancipação e bem-estar.

Somando-se aos resultados temos o depoimento de Rosa Vermelha que destaca a importância das práticas corporais para a saúde e qualidade de vida. A iniciativa de adquirir uma bola para massagens demonstra como as atividades realizadas nas aulas proporcionaram ferramentas para que as participantes acessem os cuidados com seus corpos de forma autônoma, sendo um sinal de um início de transformação de olhar, e aproximação de seu corpo que trabalha.

Por fim, temos os relatos de Girassol e Orquídea, que destacaram o bem-estar causado pelas atividades, levantando um ponto de grande importância para essa intervenção. Onde de acordo com nossa metodologia, a intervenção deve ser acima de tudo um local para sonhos, alegrias compartilhadas e inspiração de maiores possibilidades, objetivos que só são cumpridos se executados sob contextos de bem-estar e leveza.

Por fim, o segundo grupo focal, realizado após um longo período de interrupção devido à greve, evidenciou a importância da frequência e do acompanhamento contínuo em projetos com trabalhadores. A ausência de três participantes demonstra que a rotina intensa e as demandas do trabalho podem interferir na participação em práticas de lazer, mesmo quando estas visam o bem-estar. Para garantir a adesão e o engajamento dos participantes, é fundamental estabelecer um acompanhamento próximo e frequente, fortalecendo os laços e

incentivando a participação contínua.

Nota-se, portanto, os efeitos positivos da intervenção realizada, no entanto, vale ressaltar que o principal resultado encontrado foi a evidência da necessidade de construir hábitos e rotinas criativas de aproximação de seus corpos de forma mais consistente para essas mulheres e trabalhadoras no geral. A rotina social, que muitas vezes desvaloriza o corpo e o movimento, pode dificultar a manutenção das práticas aprendidas durante a intervenção. Para superar esse desafio, é fundamental investir em projetos de maior duração, que permitam às participantes desenvolver hábitos mais saudáveis e constantes.

CONCLUSÃO

A presente pesquisa investigou o impacto da prática da dança na vida de trabalhadoras, buscando compreender como essa atividade artística pode contribuir para a ressignificação de suas relações com seus corpos e com o mundo ao redor. Os resultados obtidos demonstram que a dança se revela como uma possibilidade de integralidade e emancipação, proporcionando um espaço para a expressão, o cuidado e a conexão.

A dança, vinculada a uma perspectiva onírica, se mostrou uma abordagem efetiva para a construção de significado com as participantes envolvidas. A partir de práticas sensíveis e que estimulam a imaginação, criatividade e o sonho, desenvolvemos um percurso que afirma os benefícios da prática de dança para esse público. Enfatizando a importância da democratização do acesso a aulas de dança para trabalhadores, como possibilidade de a longo prazo gerar resultados benéficos duradouros e efetivos na experiência de vida das trabalhadoras.

A prática da dança proporcionou como já mencionado expressão, cuidado e conexão, mas para além disso, desencadeou o início de um processo de longo prazo de transformação do pensamento. Foram possíveis identificar mudanças ainda sutis, mas potentes, na perspectiva acerca da dança, na ressignificação das relações consigo mesmas e com o mundo, no modo de enxergar o acesso à dança, como sendo para todas e todos, independentemente de experiência prévia e/ou especificidades físicas.

A construção de um ambiente de confiança, baseado na escuta ativa, no respeito mútuo e na valorização das experiências das participantes, foi fundamental para o andamento da pesquisa. Essa relação de confiança, especialmente importante com o público adulto, permitiu a manutenção do engajamento ao longo do processo e a coleta de dados mais significativos. A abertura das participantes em compartilhar suas vivências e reflexões sobre a vida, e a dança que conhecem foi crucial para a identificação de nuances dos resultados obtidos.

Os desafios enfrentados durante a pesquisa, como a fragmentação dos encontros e a interrupção devido à greve, destacaram a importância de um cuidadoso planejamento e gestão do tempo. A diversidade de letramentos presentes no grupo

também evidenciou a necessidade de uma abordagem metodológica que contemple as diferentes formas de expressão e aprendizagem das participantes. Essas experiências contribuíram para o aprimoramento da metodologia e para o desenvolvimento de estratégias mais eficazes para futuras pesquisas com esse público.

Os resultados da pesquisa corroboram com as teorias marxistas sobre o alheamento no trabalho, evidenciando como a rotina laboral pode levar a um distanciamento do próprio corpo e do mundo. No entanto, as propostas de dança que enfatizam a conexão corporal e o “acordar” do corpo (VIANNA, 2005) demonstraram ser ferramentas eficazes para romper com esse estado alheio de si, mesmo que de forma temporária.

A pesquisa aponta para a necessidade de políticas públicas que garantam o acesso à dança por parte da classe trabalhadora. Visto que, grande parte desse público tem pouco ou zero acesso a contemplação de obras artísticas e/ou aulas de artes (dança/teatro/música/visuais) em suas rotinas. O acesso a esse conteúdo é não só importante, como direito de todas e todos os cidadãos.

Assim, pretendemos contribuir para uma perspectiva de democratização do acesso à dança, provocando o debate acerca da conexão entre a academia e a comunidade. Ou seja, é de suma importância que instituições de ensino como o Instituto Federal de Goiás, mantenham um vínculo sólido com a comunidade que o abraça a partir de projetos que busquem essa troca. Essa concepção, além de garantir um retorno para a comunidade e uma democratização do acesso à educação, também estabelece cada vez mais engajamento do público externo nas pesquisas e cursos ali oferecidos.

Em suma, a pesquisa se apresenta também como um convite para se pensar dança para trabalhadores, entendendo as especificidades desse grupo específico, bem como as ações que contribuam para as realidades locais do município de Aparecida de Goiânia. Compreendendo que a vida sob a lógica capitalista, impacta a corporeidade e a subjetividade das trabalhadoras, e a dança, por sua vez, emerge como um caminho promissor para a resignificação dessas experiências.

Por fim, que possamos assim como Tim Maia sonhou, dançar para um futuro azul como o mar, onde a esperança seja nossa melodia.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. **A precarização social do trabalho**. In: DRUCK, G; FRANCO, T et al. A perda da razão social do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2007.

Entre relações de cuidado e vivências de vulnerabilidade : dilemas e desafios para o trabalho doméstico e de cuidados remunerado no Brasil / organizadores: Luana Pinheiro, Carolina Pereira Tokarski, Anne Caroline Posthuma. – Brasília: IPEA; OIT, 2021.

FROMM, E. **CONCEITO MARXISTA DO HOMEM**. Tradução: Octavio Alves Velho. Quinta Edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970.

GODOY A. S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. RAE-Revista de Administração de Empresas, v. 35, n. 2, mar-abr, p. 57-63, 1995.

HELEIETH IARA BONGIOVANI SAFFIOTI; VALE, M. Women in class society. London: Monthly Review Press, 1978.

HOLANDA, Gerda de Souza; DE FARIAS, Isabel Maria Sabino. **ESTRATÉGIA DA TRIANGULAÇÃO: UMA INCURSÃO CONCEITUAL**. Atos de Pesquisa em Educação, [S. l.], v. 15, n. 4, p. 1150–1166, 2020. DOI: 10.7867/1809-0354.2020v15n4p1150-1166. Disponível em: <https://ojsrevista.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/8129>. Acesso em: 14 set. 2024.

MARÍA FUX. **Dança, experiência de vida**. [s.l.] São Paulo: Summus Editorial, 1983.

MILLER, J.; LASZLO, C. M. **A SALA E A CENA: a importância pedagógica de processos criativos em dança e educação somática**. Caderno GIP-CIT, n. 20, p. 150–167, São Paulo, 2016.

MINAYO, M. C. S. **O desafio da pesquisa social**. In: DESLANDES, S. F.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. S. (Org.). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Revista e atualizada. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 9-29.

MORAES, R. **Análise de conteúdo**. Revista Educação, Porto Alegre, RS, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

NASCIMENTO, M. de M., & Nascimento, M. de M. (2013). **DANÇA E CORPOREIDADE: CONSIDERAÇÕES FENOMENOLÓGICAS DO ESPAÇO DANÇADO E CORPO PERCEBIDO**. Cena, (13). <https://doi.org/10.22456/2236-3254.41142>

PEREIRA DE MELO HERMES DE ARAÚJO, H. et al. ENTREVISTA COM A PROFESSORA HILDETE PEREIRA DE MELO HERMES DE ARAÚJO. **Confluências | Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito**, v. 24, n. 2, p. 20–37, 1 ago. 2022.

VIANNA, K. **A dança** / Klauss Vianna; em colaboração com Marco Antonio de Carvalho. – 3.ed – São Paulo: Summus Editorial, 2005.

APÊNDICES

Apêndice 01 - Roteiro Semiestruturado de entrevista por grupo focal.

1. Quais são suas experiências com a Dança? (Participa de algum grupo de dança, já dançou em festas populares, faz aulas em algum lugar, etc.)
2. Você costuma ver gente dançando com qual frequência, e quais modalidades de Dança? (em bares, eventos, redes sociais, igreja, teatros, palcos públicos).
3. Como você se sente (corpo e mente) quando Dança?
4. Quais atividades você faz durante sua rotina diária? Como você se sente (corpo e mente) ao encerrar o dia?
5. Qual o horário que se inicia sua rotina de trabalho e em que horário ela se encerra? (incluindo tempo de deslocamento, trabalho doméstico etc).
6. Dentro das atividades que realiza (tanto no trabalho formal, quanto no trabalho de casa) você acha que a quantidade de pessoas para cada uma dessas atividades é suficiente?
7. Em casa, quais são suas responsabilidades domiciliares? (financeira, cuidados domésticos, etc...)

Apêndice 02 - Questionário



MINISTERIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CAMPUS APARECIDA DE GOIÂNIA
DEPARTAMENTO DE ÁREAS ACADÊMICAS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA

QUESTIONÁRIO

1. Qual seu endereço? (Rua, Setor, Cidade)

2. Qual sua data de nascimento? __/__/____.

3. Você é:

- a) Solteira/Divorciada.
- b) Casada.
- c) União Estável.

4. Qual sua escolaridade?

- a) Ensino fundamental incompleto.
- b) Ensino fundamental completo.
- c) Ensino médio incompleto.
- d) Ensino médio completo.
- e) Ensino superior incompleto.
- f) Ensino superior completo.

5. Qual sua renda mensal?

- a) Até um salário-mínimo (até R\$ 1.320)
- b) Até um salário-mínimo e meio (até R\$ 1.980)
- c) Até dois salários-mínimos (até R\$ 2.640)
- d) Mais de dois salários-mínimos (mais de R\$ 2.640)

6. Quantas pessoas moram com você? (Incluindo filhos(as),
enteados(as), parentes e amigos(as)).

- a) Mora comigo mais 1 pessoa.
- b) Moram comigo mais 2 pessoas.

- c) Moram comigo mais 3 pessoas.
- d) Moram comigo mais 4 pessoas.
- e) Moram comigo mais de 5 pessoas.

7. Quais atividades você é responsável por realizar após o encerramento de seu turno do IFG?

- a) Nenhuma, apenas descanso e tiro tempo de lazer
- b) Realizo atividades domésticas como preparar refeições e fazer a limpeza da casa.
- c) Apenas cuidado dos filhos (buscando na escola, dando banho, alimentando e colocando para dormir).
- d) Cuidado dos meus filhos (buscando na escola, dando banho, alimentando e colocando para dormir) e todas as atividades domésticas de uma casa como preparar as refeições e fazer a limpeza da casa.

8. Dentro das atividades que realiza (tanto no trabalho no IFG, quanto no trabalho de casa) você acha que a quantidade de pessoas para cada uma dessas atividades é suficiente?

- a) Sim, dentro do IFG e da minha casa as atividades são bem divididas e eu não me sinto sobrecarregada.
- b) Mais ou menos, dentro do IFG as atividades são bem divididas, dentro da minha casa me sinto sobrecarregada.
- c) Mais ou menos, dentro do IFG me sinto sobrecarregada com o trabalho, mas em casa o trabalho é bem dividido.
- d) Não, me sinto sobrecarregada de atividades tanto no meu trabalho do IFG quanto em casa.

G. O trabalho que você exerce atualmente, já te trouxe algum malefício para sua saúde? (dores musculares, alergias, dores de cabeça, cansaço psicológico, entre outros).

- a) Não, nunca senti nenhuma dor ou tive algum malefício relacionado ao meu trabalho.
- b) Mais ou menos, já tive complicações de saúde que passaram rápido.
- c) Sim, desenvolvi diversos malefícios que me incomodam cotidianamente por conta da minha atuação.

10. Quais os lugares que você frequenta que tem dança?

- a) Festas de amigos/familiares, festas de bairro etc
- b) Templos religiosos
- c) Espaços culturais, teatros, parques etc
- d) Ambiente de trabalho

11. Você já fez aulas de alguma modalidade de dança (zumba, balé, forró, axé, etc.)? Se sim, qual modalidade? Se não, por quê?

- a) Não, nunca tive interesse/oportunidade ou me imaginei dançando.
- b) Sim, frequentei algumas aulas, mas não gostei de participar.
- c) Sim, frequentei algumas aulas, e gostei muito de participar.
- d) Sim, frequento aulas de dança e gosto muito de praticar.

Apêndice 3. Planejamento Inicial das aulas.

Encontro	Objetivo	Atividades
1°	Desenvolver um relacionamento de segurança e abertura no grupo	Forró livre Massagem de duplas Conversa sobre o projeto
2°	Desenvolver um relacionamento de segurança e abertura no grupo	Lambada livre Massagem nos pés Andar pelo espaço olhando nos olhos uma da outra e chamar para dançar
3°	Desenvolver um relacionamento de segurança e abertura no grupo	Dança Livre Massagem em trios e aquecimento leve Jogo da bola invisível Formação de figuras com o corpo
4°	Introduzir o conceito de níveis para experimentações em dança mais diversas	*Dança Livre *Alongamento leve conduzido Jogo: “Mambo mambo” - Passar por baixo da corda várias vezes e em níveis diferentes. * Diálogo em Níveis - Em duplas ou trios, as alunas exploram a interação e o diálogo entre os diferentes níveis de movimento, uma aluna inicia um movimento

		em um determinado nível e o outro responde com um movimento em outro nível.
5º	Explorar os movimentos cotidianos criativamente	* Dança Livre Funk * Aquecimento/alongamento divertido com a vassouras e rodos * Conhecendo as Ações Básicas de Laban (Torcer, Dobrar e Esticar), demonstrar a partir da visualidade do pano de chão. * Sequência a partir dos rodos e vassouras
6º	Explorar a narrativa através da dança	* Dança Livre * Alongamento a partir das articulações e torções- Movimento em Diagonal * Dançando a histórias - A turma será dividida em grupos, onde cada um receberá uma sequência de imagens que contam uma história. O desafio será criar uma coreografia que narre a história utilizando as imagens como guia. Cada grupo apresenta sua coreografia para a turma, sem usar palavras para contar a história.

7°	Exercitar a conexão umas com as outras.	*Dança livre FlashBack * Exercício de respiração consciente * Alongamento conduzido em dupla, posturas de Yoga. * Condução: em duplas com os olhos vendados ou não, uma conduzida experimenta movimentos a partir do toque de uma condutora. * Movimento espelho: como me conectar e refletir o movimento da minha parceira.
----	---	---

8°	Perceber dança a partir das experiências construídas com a natureza	<i>Aulas nos Eucaliptos</i> * Alongamentos a partir de posturas do Yoga. * Momento para falar sobre natureza e suas experiências com ela * Troca de mudas * Traduzir as características da planta em movimento corporal * Com base na observação da mudinha de planta recebida, explore três movimentos corporais que representam sua forma, utilizando diferentes partes do corpo para imitar as características
----	---	--

		da planta..
--	--	-------------

9º	Conectar a dança à memória pessoal e à experiência individual.	*Dança Livre Samba * Memórias em Movimento - As alunas traram fotos pessoais que representam um momento importante. * Em duplas, as alunas compartilharam suas fotos e histórias *A partir das fotos desenvolver uma pequena sequência. * Apresentação das coreografias para a turma.
10º	Iniciar o processo coreográfico	* Dança Livre * Alongamento conduzido * Conversa sobre: O que queremos contar em nossa dança?
11º	Processo coreográfico	* Aquecimento conduzido * Passagem de uma pequena sequência coreográfica utilizando vassouras e rodos. * Momento de conversa sobre a coreografia que está sendo construída, retomada das histórias contadas.

12º	Processo coreográfico	* Massagem nos pés e em dupla nas costas * Aquecimento conduzido inicial * Costura das coreografias construídas pelas histórias da aula do dia 22/03 com a coreografia das vassouras. * Encerramento com percepções sobre a aula
13º	Processo coreográfico	* Massagem em círculo nas costas da colega * Alongamento/Aquecimento conduzido * Passagem da coreografia final * Conversa sobre desejo de apresentação
14º	Encerramento	* Relaxamento corporal * Ensaio Aberto do que foi construído * Conversa final sobre o processo

APÊNDICE 4. PLANEJAMENTO REMANEJADO.

Encontro	Objetivo	Atividades
1º	Desenvolver um relacionamento de segurança e abertura no grupo	* Forró livre * Massagem de duplas * Conversa sobre o projeto
2º	Desenvolver um relacionamento de segurança e abertura no grupo	* Lambada livre * Massagem nos pés * Andar pelo espaço olhando nos olhos uma da outra e chamar para dançar
3º	Desenvolver um relacionamento de segurança e abertura no grupo	* Dança Livre * Massagem em trios e aquecimento leve * Jogo da bola invisível * Formação de figuras com o corpo
4º	Introduzir o conceito de níveis para experimentações em dança mais diversas	* Dança Livre * Alongamento leve conduzido Jogo: “Mambo mambo” - Passar por baixo da corda várias vezes e em níveis diferentes. * Diálogo em Níveis - Em duplas ou trios, as alunas exploram a interação e o diálogo entre os diferentes níveis de movimento, uma aluna inicia um movimento em um determinado nível e o

		outro responde com um movimento em outro nível.
5°	Explorar os movimentos cotidianos criativamente	* Dança Livre Funk * Aquecimento/alongamento divertido com a vassouras e rodos * Conhecendo as Ações Básicas de Laban (Torcer, Dobrar e Esticar), demonstrar a partir da visualidade do pano de chão.
6°	Explorar a narrativa através da dança	* Dança Livre * Alongamento a partir das articulações e torções- Movimento em Diagonal * Sequência a partir dos rodos e vassouras
7°	Exercitar a conexão umas com as outras.	* Dança livre FlashBack * Alongamento conduzido em dupla, posturas de Yoga. * Movimento espelho: como me conectar e refletir o movimento da minha parceira.

8°	Exercitar a conexão umas com as outras.	* Dança livre * Massagem com bolinha de tênis * Guiar a Parceira com a bolinha de tênis * Improvisar a partir do jogo
----	---	--

		da bolinha.
9°	Conectar a dança à memória pessoal e à experiência individual.	* Dança Livre Samba * Memórias em Movimento As alunas traram fotos pessoais que representam um momento importante. * Em duplas, as alunas compartilharam suas fotos e histórias. * Caso seja possível, danar juntas essas histórias.
10°	Iniciar o processo coreográfico	* Dança Livre * Alongamento Relaxante com as bolas suíças.

11°	Processo coreográfico	* Aquecimento conduzido * Passagem de uma pequena sequência coreográfica utilizando vassouras e rodos. * Momento de conversa sobre a coreografia que está sendo construída, retomada das histórias contadas.
12°	Processo coreográfico	* Massagem nos pés e em dupla nas costas * Aquecimento conduzido inicial * Costura das coreografias construídas pelas histórias da

		aula do dia 22/03 com a coreografia das vassouras. * Encerramento com percepções sobre a aula
13°	Processo coreográfico	* Massagem em círculo nas costas da colega * Alongamento/Aquecimento conduzido * Passagem da coreografia final * Conversa sobre desejo de apresentação

14°	Encerramento	* Relaxamento corporal * Ensaio Aberto do que foi construído * Conversa final sobre o processo
-----	--------------	--